

Entrevista de Ezequias Heringer Filho (Xará) a Sérgio Leitão (NDI) em Brasília, 05.05.92, sobre o processo de atração e transferência dos Kenhakarore (Panará) do Peixoto de Azevedo para o Parque do Xingu em 1974. Áudio registrado em fita magnética.

Dados Pessoais do Entrevistado:

Nome : Ezequias Heringer Filho  
Apelido : Xará  
Idade : 44 anos  
Função na época : Técnico Indigenista da Frente de Atração dos Índios Panará do Rio Peixoto de Azevedo

Fita 1:

**NDI** - Nome completo, qual era sua função na época dentro dos quadros da FUNAI, como é que você foi trabalhar na frente de atração dos Panará, quem era a pessoa a quem você estava subordinado como chefe da equipe e outras pessoas, descrever as equipes que trabalharam e quem delas participaram?

**XARÁ** - Minha entrada na Frente de atração do Peixoto de Azevedo, chamada na época de craiacuri(?), se deu por uma transferência, eu era Técnico Indigenista, chefe do posto indígena de Atração do Camandaú, na Frente de Atração Waimiri-Atroari, e de lá fui transferido pro trabalho no Peixoto de Azevedo, já na 2ª equipe, a 1ª equipe era comandada por Orlando Villas Boas, a 2ª equipe, a que eu pertencia, era comandada, primeiramente pelo Apoena e depois pelo Antônio Campinas e o terceiro seguimento era comandado pelo Fiorelo Parise, quando eu não estava mais. Quando cheguei já tinha sido realizado o primeiro contato, nisso cheguei por volta, exatamente em 1973, já tinha havido o primeiro contato do outro lado do rio Peixoto de Azevedo, então na verdade do pessoal de método na época, método de atração de índio, eu fui mesmo para a Equipe de Consolidação do Contato, com práticas diferentes daquela primeira equipe que tratava de fazer apenas um primeiro contato. É isso.

**NDI** - Você pode descrever pra gente o que foram os trabalhos de contato, como se deu o trabalho da FUNAI, qual era a estratégia, como se desenvolveu, quais foram as bases que se montaram para atrair os Panará, qual era a estratégia que a FUNAI tinha para contatar, qual o objetivo desse contato, porque contatar?

**XARÁ** - Na verdade eu não conheço nenhum planejamento escrito sobre a montagem da apresentação, pode ser que tenha

existido mas eu não conheço, o que eu conheci da fase anterior da minha ida para lá foram alguns relatórios do Cláudio Villas Boas, relatórios de prestação de serviços de mapas, de execução de serviços de mapas, e as falas que eram muitas na grande imprensa. Então, naquela época a questão dos índios estava em voga, havia uma preocupação principalmente internacional sobre o futuro dos índios aqui no Brasil, época da ditadura, do governo Médici ainda e essas informações muitas vezes ela não tem uma coerência histórica, não tem um propósito explícito, me pareceu que era uma coisa muito mais romântica e sensacionalista dentro do trabalho desenvolvido sob o comando do Orlando Villas Boas, do que propriamente uma intenção humanista, pelo menos hoje estou convencido disto. Em relação a segunda parte, também não me pareceu, vendo hoje, que houvesse assim uma preocupação maior em pelo menos de uma maneira que se diga pelo menos positivista de salvar os índios, me parece que nem essa intenção tinha, tinha uma intenção muito mais de mostrar a força do Estado brasileiro através do governo da época, não é, em controlar esses índios de tal forma que eles pudessem desimpedir o avanço armamentista através da construção da estrada Cuiabá-Santarém, do que qualquer outro propósito, me parece que junto com isso também, vendo hoje repetindo, existia uma preocupação em localizar um bom sítio de terra onde se pudesse realizar coisas atividades exclusivas da Segurança Nacional, por exemplo, com o passar dos anos soube-se que aquela região de Cachimbo por exemplo virou um buraco para se depositar lixo atômico, na época existia um mapa confidencial, que eu cheguei a ver, onde o exercito na região do Peixoto de Azevedo tinha uma área para treinamento de 500.000 Hectares, essa área era permanentemente visitada por aviões, eram muitos aviões que sobrevoavam essa área, aviões militares então sabíamos que havia esse interesse. Mas não se tinha informação, imagina nessa mesma época existia uma coisa no País chamada Guerrilha do Araguaia, mas o brasileiro não sabia que existia Guerrilha do Araguaia, nem nós mesmos que estávamos com mapa na época tínhamos conhecimento disso. Não se sabia o que estava acontecendo, bem, então a construção dessa estrada que até hoje é uma estrada de uso precário, completamente precária a utilização dela, me pareceu que foi uma coisa muito mais de dominação territorial de interiorização do poder militar do que propriamente de proteção dos índios.

**NDI** - Quando você foi trabalhar no Peixoto você recebeu alguma orientação dos objetivos do teu trabalho, tipo você tá indo pra essa região para contactar um grupo porque o objetivo é atenuar efeitos que possam ser causados em função do contato com a frente de expansão através da construção da estrada ou você está indo para lá porque a gente está preparando uma transferência deles para uma outra região porque a gente considera que nessa região não há mais

condição deles permanecerem, ou seja o que que foi te dito , ou seja o que que você vai fazer, ou você vai lá e chega e as ordens são ditadas no ritmo do dia a dia?

**XARÁ** - Não, orientação formal não houve nenhuma , não é, não deu uma orientação formal, o que havia a nível de sentimento na época era uma expressão, lembrando agora de uma expressão muito empregada que era amacia a porrada, não é, que era você por uma luva de boxe com mais onça, né, mais pesada mas mais macia, de tal forma que esse contato inevitável, estou falando tudo isso entre aspas, que esse contato inevitável se desse de maneira harmônica, né, então o sentimento era esse, agora, uma orientação explícita nunca houve, não é, nunca por parte do governo, nenhuma frente de atração, a gente pode dizer olhando os relatórios dos sertanistas que trabalharam nessa frente de atração, que eles não tem a mínima compatibilidade metodológica, entre si, realmente isso não tem, então lá também não houve, se houve não tomei conhecimento nenhum de jeito nenhum, nunca soube disso, o que havia era a imagem dos sertanistas que eram homens preocupados com os índios, sertanistas que agiam pelo seu próprio bom senso, e assim foi, tanto é que na frente de atração Peixoto de Azevedo houve três orientações distintas, nas três fases da atração três orientações distintas, e essas orientações eram dadas de acordo com o bom senso do comandante, no caso esse comandante foram esses que eu acabei de citar no começo, primeira fase o Orlando, segunda fase o Apoena, depois o Antonio Campina, terceira fase o Fiorelo Parise.

**NDI** - Qual eram as três orientações dentro de cada uma dessas fases?

**XARÁ** - Dá para analisar bem entre a primeira e a segunda fase, a primeira era marcada, já por experiência, muito conhecida naquela época o Villas Boas já estavam conduzindo a muitos anos, que era uma proteção cultural dos índios, ou seja, era colocá-los numa área determinada, evidentemente escolhida pelo Governo, e dentro dessa área determinada através de transferências ou não, os índios realizariam a sua cultura da maneira que achassem melhor, mas evidentemente que existia imperativo da realização dessa cultura, a coisa não era tão libertária como pode parecer, logo, logo a identificação de uma cultura xinguana, por exemplo, para onde vários grupos foram transferidos, para o Parque do Xingu, a identificação vinha logo através de missanga, missanga tcheca, até hoje todos os grupos do Xingu usam missanga, então na substituição do artesanato espontâneo, artesanato natural, por artefatos industrializados , e daí a identificação, então a realização cultural não era tão plena como se pretendeu com a proposta que eu entendi. Bom, o segundo seguimento vinha já com outra orientação ideológica, também histórica, que

partiu de grupos, na época do Governo Vargas, por exemplo, de grupos de esquerda, que foram até perseguidos pelo Governos Vargas, e todos eles ligados ao corporativistas(?), então a maior expressão da época era Chico Meireles, que previa a integração dos índios a sociedade brasileira, então essa integração era dada como inevitável, e eles teriam que se tornar brasileiros de uma forma, que se pode dizer, até compulsória, o problema que se dava nesse segundo caminho é que os índios se integravam a sociedade brasileira pela porta dos fundos, não se conhece nenhum trabalho nesse sentido que tenha permanecido, que tenha permitido que os índios permanecessem como povos ou que tenham se integrado a sociedade brasileira de uma forma saudável. Então, evidentemente que entre essas duas maneiras de pensar através de politicagem de governo, através de brigas públicas até de, grandes discussões entre os pensadores de um grupo e de outro isso mudou a orientação completamente e evidentemente que os índios sofreram com isto, e sofreram como porque entre o primeiro pensamento e o segundo pensamento houve uma retomada após o trabalho do Apoena Meireles no segundo seguimento, houve uma retomada do primeiro seguimento, com a transferência dos índios para o Parque Indígena Xingu, ou seja, passariam a pertencer a um grande contexto cultural chamado de cultura xinguana, que é um propósito completamente artificial, um propósito completamente compulsório, se transferir povos inteiros para uma região chamada Parque Indígena Xingu e ali teriam como viver e lá estão hoje 16 grupos, muitos deles convivendo de uma maneira completamente alheia a sua vontade.

**NDI** - Como é que era o dia a dia do trabalho de vocês lá na área. Qual a estrutura que vocês tinham como apoio, como é que era essa montagem toda desse trabalho que foi realizado lá?

**XARÁ** - Existia nessa época uma coisa através da FUNAI, chamada de Coordenação da Amazônia, então todos os fatos de chamados isolados reportava-se a Coordenação da Amazônia. Essa Coordenação da Amazônia tinha suas frentes de atração, lá na frente de atração Peixoto de Azevedo você tinha um chefe de frente de atração e dois chefes de posto de atração, então Apoena Meireles era o chefe da frente de atração, o Sydney Possuelo era chefe de um posto de atração e eu fui para abrir um segundo posto de atração na Cachoeira Sorococó, no Rio Braço Norte, que finalmente isso aí foi feito pelo pessoal já do terceiro seguimento, não chegou-se a abrir esse posto na minha época, ele foi aberto posteriormente, era um posto que ficava perto da aldeia mais ao norte, aldeia chamada Paquassu(?), e esse posto depois foi desenvolvido pela equipe do Fiorelo Parise, que também tinha dois chefes de posto, que eram o Odenir Pinto de Oliveira e o Iazonel Santos Sodré(?), mas numa época que eu já não estava mais.



**NDI** - Você falou desses postos, mas eu queria te perguntar mais coisas no sentido de detalhes, vocês tinham estrutura, tinham aviões, tinham rádio, qual era a montagem, o esquema que se montou concretamente?

**XARÁ** - A frente de atração foi muito rica no tempo do Orlando, era muito rica, teve todos os apoios, todos os requisitos foram cumpridos, os requisitos de materiais foram todos cumpridos, já na segunda etapa esse apoio material já foi colocado para o BEC(?), seria uma obrigação do BEC, colocar alimentação para a frente de atração e colocar também combustível para que a frente de atração se realizasse, e o BEC através de um acordo feito com a FUNAI cumpriu isso em parte, eles não tinham interesse, vamos dizer assim, em apoiar significativamente a frente de atração, porque tinham interesse que os índios não permanecessem ali, como de fato aconteceu.

**NDI** - Isso era um padrão da FUNAI de atuação, por exemplo, todas as frentes de atração tinham essa mesma infraestrutura, esse mesmo apoio, ou isso se deu em função específica do caso Panará e dos interesses para que esse contacto fosse feito?

**XARÁ** - As frentes de atração montadas pelo Orlando Villas Boas sempre foram frentes muito ricas, com muito apoio, na época eu por exemplo vinha da frente de atração Waimiri-Atroari, onde a FUNAI não dava nem alimentação para a gente, a gente que tinha que fazer a própria alimentação, e não tinha sequer rádio, por exemplo, nesse posto de atração Waimiri-Atroari não havia rádio de comunicação, entende, então me parece que essa frente de atração era desmedidamente a mais rica, se for comparar com outras frentes de atração que aconteciam na mesma época.

**NDI** - Enquanto a FUNAI fazia esse trabalho de atração de contacto dos Panará, qual era o quadro da região que você viu, o que que estava acontecendo, tinham obras públicas sendo construídas, tinha essa história da Cuiabá-Santarém, o que que estava acontecendo na região paralela a atividade de vocês?

**XARÁ** - A única coisa que acontecia era o trânsito pelo Rio São Manoel ou pelo Rio Teles Pires(?), é o mesmo rio, mas era um trânsito secular, mais que secular, era por ali que passavam os viajantes daquele gado(?) que transitava entre os estados do Amazonas e Mato Grosso, por ali por exemplo foi feita a rota do guaraná, o guaraná chegou ao Pantanal através do Rio Teles Pires e do Rio Juruena, em outras palavras através do Tapajós, pois esses dois rios são

formadores do Tapajós, além disso não tinha nada acontecendo, absolutamente nada, não tinha nada, nem garimpo, absolutamente nada, o que tinha era uma estrada, que saía de Cuiabá e ia para Santarém e essa estrada foi realizada com os novos investimentos na região, mas esses investimentos estavam muito ao sul, por exemplo como a criação de Sinop, como a criação de Alta Floresta, através do ? , através da Indeco(?), existia já os primeiros estudos para implantação da Fazenda Itamaraty, essa enorme plantação de soja, mas isto tudo está muito ao sul do Rio Peixoto de Azevedo, o Rio Peixoto de Azevedo está mais ou menos a 800 Km de Cuiabá pela estrada, agora, ao norte já existia, já há muito tempo, desde a (?) do Xingu a Base Aérea de Cachimbo, a Base Aérea que fazia a integração do Rio de Janeiro a Manaus, integração através Correio Aéreo Nacional, com uma base em Xavantina, outra base onde é hoje o Parque do Xingu, outra base Cachimbo e outra base Jacareacanga, então a integração era feita por aí, a integração aérea. Agora, é claro, a Serra do Cachimbo, a Base do Cachimbo ela foi fundada pela terceira etapa da expedição ao Parque do Xingu, da qual participou o Cláudio Villas Boas, o Orlando também, o Leonardo Villas Boas também participou disso, então já existia a Base Aérea do Cachimbo ao norte do Rio Peixoto de Azevedo, era 128 Km ao norte, mas nesse intermédio entre a Serra do Cachimbo e Sinop não existia nada, absolutamente nada, apenas aquela estrada avançando rumo a Santarém, e com essa estrada evidentemente vieram os primeiros colonizadores, os primeiros pioneiros, além do mais, quando eu cheguei lá por exemplo, a linha topográfica, a frente topográfica da Cuiabá-Santarém ainda não tinha chegado no Peixoto de Azevedo, quando eu saí a estrada já tinha passado e já estava no acampamento XV de Novembro, que fica a uns 20Km mais ou menos abaixo de Cachimbo, então, isso foi feito tudo num espaço, vamos dizer aí, de um ano, foi uma coisa muito rápida, muito rápida.

**NDI** - Você falou que os interesses mais imediatos estariam distantes da região do Peixoto, Fazenda Itamaraty, a construção da cidade de Sinop, porque então passar a estrada nesse ponto onde até então não existia nenhum tipo de atividade sendo desenvolvida, a que você atribui a construção da estrada passando nesse ponto onde cortou o território Panará?

**XARÁ** - Olha, a gente não pode esquecer, que a época dessa Br80(?), que houve uma grande discussão prévia, anterior ao Panará, a atração dos Caiacuri(?), foi a BR80, que foi a grande discussão se se cortava ou não o Parque Indígena do Xingu, essa foi a grande discussão na época, e essa estrada ela vinha encontrar, conforme o planejamento da Rede Viária na época, vinha encontrar com a Cuiabá Santarém, como de fato encontrou a 6 Km ao norte do Rio Peixoto de Azevedo, isso foi um fato com certeza. Outro fato, que a gente tem

notícia que na época do primeiro seguimento da frente de atração foram feitos estudos mineralógicos para evidenciar ou não minérios estratégicos, e sabe-se já inclusive quando eu fui para lá, eu sabia, todos nós sabíamos que no baixão do Peixoto havia uma grande quantidade de ouro, isso todos nós sabíamos, e a quem diga que inclusive essas amostras foram coletadas pelo próprio Orlando Villas Boas, eu não sou testemunha disso, mas o que rolava na época, o que se falava na época, que ele próprio tinha levado algumas pessoas lá para coletar essas amostras, então nós já sabíamos que lá tinha ouro, essa é que é a verdade, então esse é um fato, é um outro fato. Agora, os interesses estratégicos eram muito explícitos na época, integração do território brasileiro, e eu tenho impressão que o fato dos Panará se encontrarem ali, foi um fato subalterno, um fato de menor relevância e tanto é que foram tirados de lá compulsoriamente, enfim muito rápido, foram tirados de lá dois anos e pouco depois do primeiro contato, imagine, índios que sequer conheciam o metal, índios que não tinham cachorro, índios que não conheciam barco, não tinham, o Kaiapó não tem muito essa coisa de barco mesmo, mas com certeza não tinham barco. Então, eles estavam num estágio tecnológico bem próprio deles, eles não tinham conhecimento de outra tecnologia e dessa coisa toda, e foram pegos de surpresa, quando a população, depois que passou a estrada, a população enorme, pela gripe tiveram, passaram a ter problemas seríssimos com a malária e então realmente ficaram muito enfraquecidos quanto povo, não é só também(?) solução se não aceitar a transferência, essa é a maneira que eu vejo, não tiveram alternativas para discutir, alternativas.

**NDI** - Quando você estava lá e a estrada estava sendo construída, já estava passando e avançando na direção da Serra do Cachimbo, qual era a infra-estrutura que a estrada tinha, que a construção da estrada tinha, e o que que ela resultou de ruim para os Panará, tinha acampamento do batalhão de construção, os índios foram até os acampamentos, houve relacionamento entre índios e trabalhadores da estrada, entre índios e membros do exército, o que que acontecia, a frente de atração, a equipe da FUNAI que estava lá nesse momento conseguiu evitar que esse contato pudesse fazer ou os índios foram atraídos para próximo da estrada, o que que gerou para os Panará essa construção da estrada no momento da sua construção além de outros prejuízos que vieram em consequência da sua construção?

**XARA** - O Nono BEC(?) mantinha 1500 homens na frente de construção, entre civis e militares, além do Nono BEC você tinha a presença do 16 DC Batalhão de Caçadores, que era uma espécie de fiscalizador, uma espécie de responsável pela segurança da região. Bom, desses 1500 homens, nesta área próxima ao Peixoto de Azevedo, era distribuída uma equipe chamada equipe Arrastão, que ficava 06 Km ao norte do

Peixoto de Azevedo, e no acampamento XV de Novembro que ficava a cerca de 20 Km abaixo da Entrada do Cachimbo, então o BEC quando ele se tornou responsável pelo suprimento da frente de atração evidentemente que o poder dele aumentou muito, ela passou a ter um poder de gerência muito maior, na medida que as verbas do PIN - Programa de Integração Nacional deixaram de ir para a frente de atração e passaram a ir diretamente para o BEC, então o BEC supria a frente de atração, evidentemente que ele não tinha interesse nenhum em ter gente ali que gostava de índio, não tinha nenhum interesse nisso, a primeira providência que eles tomaram foi de alimentar os índios, excessivamente, então diziam eles que um dos motivos porque que a estrada deles ficava mais cara, porque eles iam estabelecendo estruturas ao longo da estrada, então essa estruturas eram levantadas da seguinte forma, chegavam e plantavam semente de caju na beira da estrada, jogavam semente de abóbora na beira da estrada, enfim, iam plantando frutíferos ao longo da estrada, mas não só isso, eles passaram a alimentar os índios inclusive com uma quantidade excessiva de açúcar, aquilo os índios começaram a fazer acampamentos, os Panará começaram a fazer acampamentos na beira da estrada, acampamentos provisórios, com a curiosidade de ver trator e aquela coisa toda, e nesses acampamentos eles deixavam, por exemplo, uma quantidade imensa de açúcar, e o problema com diarréias foi muito grande, eram índios que não conheciam o açúcar e que se extasiaram com o gosto do açúcar, então teve problemas imensos de diarréia em função do açúcar. Outro problema dos índios não quererem batente na roça, não queriam batente(?) na roça, queriam ser exclusivamente abastecidos pelo BEC, ao ponto de chegarem ao armazém do BEC e pegarem as quantidades de qualquer coisa que quisessem, da alimentação que quisessem, qualquer quantidade que quisessem. Bom, nessa época, eu estava na beira da estrada, quando eu sai lá do posto porque eu tive problema lá com o novo chefe, o que chegou lá o Antonio Campina, não quis trabalhar com ele, não achava que devia ser, como também tive problema com o Apoena Meirelles, achava que a orientação não estava correta, enfim, então fui para a beira da estrada nessa época, com mais um companheiro, o Nilo Nogueira hoje falecido, e lá a gente tentou, aquelas duas pessoas que sequer tinha um carro para andar nem nada, nós andávamos a pé na estrada, a gente tentou tirar os índios de dentro do jugo do BEC, então foram várias brigas com o pessoal do BEC, com os oficiais do BEC, que a gente não queria que eles alimentassem os índios, mas isso era uma coisa que a gente achava que podia intervir a partir de uma presença isolada de ? , mas com certeza aí sim, havia um planejamento governamental de cúpula, e o planejamento era claramente direcionado para o enfraquecimento da coesão social dos índios, isso inclusive depopulou muitos índios, porque o que morreu índio de gripe foi uma loucura, nessa época, inclusive grandes líderes, como Iakiu, Mankut(?), eram homens importantes na sociedade Panará, foram mortos de gripe, a depopulação foi muito



grande, então os índios ficaram muito enfraquecidos, então o exército tinha o discurso da proteção, estamos protegendo os índios, estamos alimentando os índios, mas na verdade eles estavam alimentando os índios mas também, me parece de uma forma deliberada, estavam dando álcool, por exemplo, cachaça para os índios e também prostituindo as índias, as mulheres. Então nessa fase são várias as mulheres que foram mortas pelos seus maridos pelo fato de ter uma intimidade maior com o pessoal do exército.

**NDI** - Você quando foi trabalhar na frente de contato Contagem(?), qual foi a visão e a relação que você pode estabelecer a nível de saber por exemplo qual era o território tradicional dos Panará, quantas aldeias existiam, ao longo de que parte do território essas aldeias estavam distribuídas, e qual era, por exemplo, o número de índios que você encontrou ao chegar na região do Peixoto de Azevedo, quantos eram os índios Panará nessa época?

**XARÁ** - A gente sabe, isso é certo, que eram 3 aldeias, dessas 3 aldeias só conheci 2, conheci a aldeia norte, que é aldeia que ficava a margem direita do Rio Peixoto de Azevedo, que tinha o nome de Paquassu(?), que fica no Bananal(?), e conheci uma aldeia, a menor aldeia, essa tinha cerca de 60 pessoas, a menor aldeia, que ficava a nordeste da onde era o posto de atração e a cerca de 7 Km de onde passou a estrada, era uma aldeia de 60 pessoas aproximadamente, tive oportunidade de observar isso bem, enfim, me parece que até foi a nessa viagem a primeira vez que se foi, o pessoal da frente de atração chegou, entrou lá e tal. A aldeia maior era a aldeia ao sul, ficava a cerca de 40 Km a margem esquerda do Rio Peixoto de Azevedo, aldeia que eu tive oportunidade de sobrevoar, então a gente fez vários sobrevôos na época, localizando essa aldeia, essas 3 aldeias. A primeira ida nessa aldeia sul foi feito já pelo pessoal do Fiorelo Parise, eles foram os primeiros que foram nessa aldeia, mas eu calculo que, a grosso modo, que deveriam existir ali entre 250 e 350 pessoas, eu tive oportunidade em certa ocasião de contar juntos dentro do posto de atração, dentro da sede do posto da FUNAI, eu tive oportunidade de contar 89 pessoas, pois dois homens, que foram com suas mulheres e seus filhos foram morar com a gente, que foi o Carecão(?) e o Atuia(?), eles foram morar no posto, inclusive moravam na casa que eu morava, dormiam na casa que eu morava, e quando chegou esse pessoal da aldeia sul e todos eles dormiram aquele dia no posto, a exceção do Teseia(?), que ficou sozinho do outro lado do rio, que não aceitava contato mesmo, sabe-se hoje, então eu contei nesse dia 89 pessoas dormiram durante duas noites no posto de atração, foi assim a maior concentração de Panarás junta que eu vi, foi 89 pessoas, então como vinha esse pessoal da aldeia sul e tal, com os cálculos e tal, eu acho que tinha por aí, entre 250 e 350 pessoas.

NDI - Isso ficava escrito em algum relatório, algum censo feito pela FUNAI, pela equipe listando quantos existiam?

XARÁ - Havia uma preocupação permanente em saber quantos eram, havia uma preocupação permanente, inclusive procuraram com a ajuda dos Txukarramãe, que falam a língua Kaiapó também, é inteligível pelos Panará, com uma preocupação constante da gente saber nomes, saber filiações, parentais, enfim saber um número mais aproximado, mais quadrado, então é com base nisso que eu falo, não é um chute não, entende, tanto é que a faixa que eu do é uma faixa larga, de 250 a 350, e há vários outros companheiros que pensam que o número é por aí, quem fala em menos, que ouvi falar, fala em 200, eu nunca ouvi falar em ninguém que se referisse a menos de 200 índios.

NDI - Essas 3 aldeias que você se referiu elas ficavam próximas, elas ficavam espalhadas ao longo de um território grande?

XARÁ - Elas ficavam em um triângulo, de vértice, de lado 1, que eu vou chamar, de mais ou menos, um vértice de 70 Km mais ou menos, um outro de 90 Km, um outro lado aliás de 90 Km, e um outro de uns 50, então num triângulo de 70 por 60 por 50, nestes vértices estariam as aldeias, mais ou menos eram as aldeias, nos vértices deste triângulo estariam as aldeias. Agora esse número também demográfico, dessa população aí, ela pode ser confirmada pelo número de covas que a gente viu, então a maneira de enterrar era muito característica, muito própria, muito fácil de reconhecer, que o morto é enterrado e em cima da cova dele é feito um cone de terra, um cone com uma altura aproximada de mais de 1 metro, talvez um metro e meio, e em cima daquela terra é colocado folhas de pacova (?), essa bananeira do mato. Na aldeia Paquassu, por exemplo, era uma grande aldeia, quando o Orlando entrou lá, o Orlando Villas Boas entrou lá os índios correram, eu tive oportunidade de ver os brindes que foram deixados nessa aldeia, então, por exemplo eu me lembro de bonecas pretas, bonecas louras e bonecas pretas, e essas bonecas pretas que foram deixadas não sei com o pretexto de que, foram deixadas na aldeia, elas foram todas esmigalhadas com borduna, e em seguida essa aldeia foi queimada, foi queimada e abandonada e foi feita logo adiante a alguns Kms a frente uma aldeia provisória, mais um chamariz de acampamento, uma aldeia meio provisória, e nessa aldeia que foi queimada havia muitas covas, não me lembro assim quantas de cabeça, devo ter feito algum relatório(?) escrito, deve ter isso por aí, havia muitas covas, então você juntando a observação aérea feita através de sobrevôo, você juntando os índios que você conseguiu ver pessoalmente, você juntando os tamanhos de roça, você juntando as covas, o número de covas,

então dá para ter uma idéia, entende, os números de leitos, porque o Panará não dormia em rede, dormia no chão, em cada leito no chão era amontoado um pequeno travesseiro de terra, como se fosse um travesseiro, no lugar da cabeça havia um altinho maior e ali era colocadas folhas de pacova (?), de banana, ? e dormia-se ali. Então, se você contar o número de travesseiros, você tem uma idéia da população, mesmo que não seja um número exato, não vai ser um número exato mas se tem uma idéia da população, por isso que eu digo, entre covas, evidências desse tipo, tamanho de roças, sobrevãos, enfim, o tamanho, a distância entre as aldeias, então nessas(?) aldeias dá para você colocar o território de Cáceres(?) nisso aí, então é um número desses, entre 250 e 350, é por aí, não está muito fora não, é por aí, provavelmente isso.

**NDI** - Em termos de noção de tamanho do território a FUNAI, as equipes que atuavam na área trabalhavam com algum número, tipo é 100 mil hectares, é 200, havia algum cálculo, por essa observação da distância entre as aldeias, das roças estabelecidas, dos campos de caça?

**XARA** - Eu tenho impressão que houve e que isso aí foi feito na 3ª etapa com o Fiorelo, e o Fiorelo naquele tempo não era conhecido como sertanista, ele era conhecido como antropólogo, eu me lembro, inclusive, no acampamento que eu (?) estava lá, lá esteve a irmã do Fiorelo, não sei o que Parise também, Valéria Parise, que era antropóloga, ela lá esteve tentando abordar coisas desse tipo, ela tentou e andou muito na área e essa coisa toda, já se tentava, em seguida veio o irmão dela, que não foi para lá como sertanista, ele se tornou sertanista depois, ele foi lá como antropólogo, então na interdição que foi feita posteriormente da terra, que já foi feita nessa 3ª etapa aí, com certeza que esses dados foram considerados, agora eu não sei, aí que eu não sei, se houve muita pressão para reconhecer uma terra menor, por que aí eu não acompanhei mais, já estava em outra frente de atração, já tinha sido transferido, fui demitido aliás, demitido na época, e depois quando eu voltei, já voltei para outra frente de atração. Então não sei quais foram os critérios, mas com certeza, coisas desse tipo foram pensadas, que eram coisas que eram discutidas, isso aí, entre o pessoal que trabalhava lá, eles queriam saber, por exemplo, sobre a possibilidade de uma quarta aldeia, quando os índios existiam, por exemplo, a beira do Teles Pires, eles tem lá uma festa que envolve o ritual a beira do Rio Teles Pires, então logo se pensava na possibilidade de haver uma aldeia abaixo, rio abaixo, Peixoto abaixo, foram feitos sobrevãos lá nessa região, descemos o rio Peixoto até a beira do São Manoel, Teles Pires e não achamos nenhuma evidência que tivesse tido aldeia então, foram feitas várias especulações, por exemplo, o Rio Peixotinho, fomos no rio Peixotinho, onde diziam que

existia aldeia velha(?), fomos lá e não achamos evidência nenhuma de aldeia velha(?), se existiu aldeia ali foi há muito tempo atrás, não se encontrou evidência sobre isso aí, enfim, e havia essa compatibilidade também com as informações da expedição feita nos anos 50 pelo Chico Meireles, 52 se não me engano, então esses dados foram estudados essa coisa toda, então a gente tinha uma idéia de quantos eram, tamanho de grupo, havia informações por exemplo dos Txukarramãe, que eram inimigos tradicionais, e a gente não acreditava muito na fala dos Txukarramãe, porque havia assim uma tendência a exagerar, a supervalorizar os números, os Txukarramãe diziam que eram muitos, aquela coisa toda, e enfim, eu acho que o número correto é esse.

**NDI** - Se você fosse descrever, não em termos de número, de tamanho, de área, mas em termos de limites naturais do que você pode observar do tempo que lá permaneceu, quais seriam os limites da área, ficava situada entre que rio, entre que ponto, em que acidente geográfico, montanha, o que seria esse (?)...

**XARÁ** - Com certeza, com certeza o limite oeste, com certeza era o Rio Teles Pires, com certeza era, não havia uma coisa de atravessar o Teles Pires, me parece que o ponto máximo que eles iam era o Rio Teles Pires, a oeste. Ao norte, com certeza por questão até de localização dos Mundurucu(?), não poderia nunca passar do Rio Pururu até os contrafortes da Serra do Cachimbo, só que o Rio Pururu está longe a bessa, está longe a bessa, eu acho que o Rio Pururu pode ser conhecido(?) até mais como um limite de território de guerra como propriamente de vivência cotidiana diferentemente do Teles Pires que sabemos com certeza que pelo menos duas vezes por ano, na festa do milho e na festa do amendoim, eles iam até o Teles Pires onde inclusive eram feitas várias iniciações rituais. Ao sul fica difícil dizer, eles estavam a cerca aí de 40, 50 Km ao sul do Rio Peixoto de Azevedo de aldeia, aldeia sul, mas você não tem um outro rio ali que lhe dê uma referência, como você também não tem a leste, a leste o outro limite que você vai ter é o território Txukarramãe, que é uma zona de conflito, uma zona de guerra também. Então, ao sul pra mim é impossível dizer até onde ia, então você tem uma grande área que extrapola muito esse triângulo que junta as três aldeias, agora você veja, que só a área contida internamente por essas três aldeias é uma grande área, já é uma grande área, agora você imagina um povo com uma tecnologia tão primitiva como aquela, na época, de fato precisava de um grande território para sobreviver, porque era gente não tinha metal, não tinha pólvora, não tinha cachorro, gente que não dominava barco, não conhecia a física de um barco, então evidentemente precisava de um grande território para sobreviver, e tinha também essa coisa de não estar muito junto por causa da ameaça permanente de guerra contra os Kaiapó, principalmente os Txukarramãe, isso



com certeza, então esse grande território ele só é compatível se você pensa nas condições de vida que tinha o momento, as condições históricas de vida que tinha no momento, aí da para entender esse imenso território, evidentemente que se tivesse cachorro, evidentemente se tivesse barco, se tivesse metal e tivesse pólvora, por exemplo ou uma alguma coisa assim, então a tendência desse território poderia até se reduzir, poderia ser uma coisa mais reduzida.

**NDI** - Que atividades você presenciou desenvolvida pelos Panará nesse território, você presenciou roças, plantios, como é que era o sistema de roças, o que que eles plantavam, de que que eles viviam, eles utilizavam, eles pescavam nos rios, eles faziam coleta, como é que era a forma de ocupação que você pode presenciar desse território?

**XARÁ** - Roças ricas, roças muito grandes, fartas, com várias qualidades de bananas, excelente inclusive as bananas, até uma dessas espécies eles perderam, é uma banana grande, uma banana assim de um quilo aproximadamente, com uma casca muito grossa e essa banana tinha que ser batida, tinha que ser batida para você comer por que a casca era quase a casca de um coco, essa banana por exemplo eles perderam. Um amendoim excelente, que deve ser, não sei, mas se não for é muito parecido com esse arac nambiquarem (?), esse amendoim nambiquarem que é enorme, que dá um rendimento enorme e de excelente sabor, isso eles tinham em grande quantidade, milho em grande quantidade, batata doce, inclusive eles faziam uma batata desidratada chamada tambaquiare (?), e uma batata que é descascada e colocada ao sol para desidratar que dá assim uma textura de mastigação excelente, que tem um gosto único, plantavam também esse, essa raiz mangarito (?), mangarito, esse pé de inhame, plantavam muito isso aí, o que mais, sim enfim, e muita caça, muita caça, sempre caçando, sempre caçando, e muita pesca também, posso dizer muita caça, muita pesca e muita agricultura, eu acho que a coisa passa por essa três coisas, acho que coleta essas coisas não, menos.

**NDI** - Essas roças se concentravam num único espaço de terreno ou elas eram desenvolvidas a espaços regulares dentro desse território que eles tinham?

**XARÁ** - Olha, eu conheci, por exemplo, nessa aldeia menor da estrada, eu conheci duas roças, duas roças bem próximas da aldeia, e com aquela mancha de terra preta toda tomada, as duas roças, e lá na outra aldeia de Paquassu eu conheci uma só roça mas imensa, imensa, inclusive assim num dos sobrevãos ela se destacou, se destacava assim facilmente mesmo. Agora, o que que eles fizeram, originalmente essa roça estava a uma distância aproximada de uns 10 Km mais ou

menos ou 15 Kms da aldeia que foi queimada, quando eles transferiram a aldeia, fizeram essa aldeia provisória, eles já fizeram do lado da roça, isso me induz a pensar que eles não queriam se esconder, que não queriam se esconder, mas no entanto não quiseram mais permanecer nessa aldeia onde foram deixados os brindes, não queriam mais permanecer lá, inclusive lá tinham várias covas, várias covas de enterro de (?), então a impressão que me deu que se eles quisessem esconder não iriam transferir a aldeia para perto da roça, claro que não, porque a roça é visível, de avião, sobrevoando, aquela coisa toda. Então, ali naquele ponto já havia mortes, já havia ataque com flecha ao pessoal da estrada, e me parece que já havia uma vontade de não querer brigar, já sentiram a força, não se esqueça que o BEC estava na região com 1500 homens, não se esqueça que a Aeronáutica fez um sobrevôo em cima da aldeia Panará e o avião passou tão baixo que os índios acertaram o avião com a flecha, e como é que eu sei que acertaram o avião com a flecha, porque lá na Base do Cachimbo existia na entrada da Base do Cachimbo existia um mural com peças de artesanato de fabricação Panará e lá estava a flecha que entrou no avião e quebrou, entrou na fuselagem do avião a flecha, ela quebrou e o pedaço dela entrou na asa, inclusive esse aviador, esse tenente que fez isso aí, recebeu um prêmio, uma condecoração, uma coisa lá, era tido assim como um pequeno herói, e então essa flecha estava lá. Os artesanatos da onde vem, o índios foram fazer uma visita a Cachimbo, e nessa visita eles foram metralhados por cima, a quem diga que só foi por cima, mas os índios nunca denunciaram que alguém tivesse morrido nessa visita, e eles levavam peças de artesanato para trocar, para dar de presente para fazer o contato deles, fazer o contato, eles sabiam que os aviões vinham de lá, o território eles conheciam muito bem, então nessa fuga eles abandonaram os artesanatos e esses artesanatos foram colocados juntamente com essa flecha quebrada, que entrou no avião, no mural, no museuzinho que foi feito na Serra da Base do Cachimbo, Base Aérea do Cachimbo.

**NDI** - Então do que você pode acompanhar e ver o território que eles tinham era bastante para garantir a sobrevivência deles, fisicamente, culturalmente, lá eles tinham todas as condições ideais para sobreviver?

**XARA** - Com certeza.

**NDI** - Tudo o que a gente ouve falar da transferência é por que esse território não tinha mais condições deles permanecerem, ou seja essa é uma justificativa que me parece é até hoje a apresentada para motivar a transferência, em função do corte da estrada no território Panará haveriam outros recursos, por exemplo para que eles fossem, em vez

deles serem retirados para o Parque do Xingu serem retirados para outras áreas do território onde eles ficariam longe da estrada e poderiam manter uma vida sossegada com essas garantias de sobrevivência física e cultural totalmente preservadas ou isso era impossível, realmente havia necessidade da transferência?

**XARÁ** - A gente tem que pensar num tempo, na verdade, aí entre 2 anos e meio talvez 3 anos, então nos temos que pensar aí por volta de 1970 até por volta 1973, no começo desse tempo, eu estou perfeitamente convencido porque eu cheguei a ver ainda, que as condições eram de completo isolamento, a única coisa que existia ali era a Base Aérea do Cachimbo, não existia outra coisa, a cento e tantos Kms ao norte do Rio Peixoto de Azevedo, acontece que no fim deste tempo, você já tinha, por exemplo, você já tinha assim a poucos Kms abaixo do Peixoto de Azevedo uma pista de garimpeiros, já tinha, deliberadamente apoiado pelo BEC, os garimpeiros apoiados pelo BEC, deliberadamente, inclusive quem fazia os transportes de gêneros alimentícios para esses garimpeiros era o BEC, eram os caminhões do BEC que faziam, levavam a alimentação gratuitamente para os garimpeiros, como também os recursos que a frente de atração precisava era levada pelo BEC, na época inclusive a gente fez a proposta de ter um carro na área, foi negado, esse carro nunca apareceu lá, então em três anos a pressão aumentou violentamente, mas uma pressão com certeza planejada, uma pressão planejada e sem conhecimento público, porque nunca foi dado a conhecer, por exemplo, por parte da FUNAI um relatório nesse sentido e tenho certeza, não se esqueça, na época a FUNAI era comandada por generais.

**NDI** - Quem era o presidente da FUNAI na época ?

**XARÁ** - Era o Bandeira de Melo, quando começou a atração do Panará, o Craiacuri(?) era o Bandeira de Melo, era o Bandeira de Melo, quem substituiu foi outro general, o general Desimar(?) de Oliveira, todos os diretores da FUNAI eram generais, o meu chefe, por exemplo, lá em Manaus, delegado da FUNAI, era general Antônio Serpo (?) Coutinho, o outro chefe de Cuiabá que me transferiu era um coronel que foi da turma do Médico, Coronel Olavo não sei o que, esqueci o sobrenome dele, eu chamava coronel Bolinha, então não há dúvida nenhuma que eles tratavam(?) de um planejamento militar, tanto é que você veja que aquela estrada, ao contrário por exemplo da Transamazônica, ela não tinha empreiteiro fazendo quem fazia era o exército, não era a Camargo Correia, a Andrade Gutierrez, não era nenhuma dessas, era o exército que fazia, então não tenho dúvida nenhuma que isso era um planejamento de segurança nacional, era um planejamento sigiloso, a partir dos militares, eles conseguiram em 3 anos de repente ocupar aquela área, e os primeiros que chegaram lá foram os garimpeiros, os primeiros

que chegaram na área, na saída dos Panará de lá já haviam garimpeiros no baixão do Peixoto onde é hoje a cidade Peixoto de Azevedo, que é uma cidade garimpeira.

**NDI** - Algum militar participou dessas atividades que se desenvolveram posteriormente a saída dos Panará ?

**XARÁ** - Você vê que a coisa é tão ligada, que o comandante do nono BEC na época, o coronel Meireles(?), é um camarada brilhante que conseguiu, o nono BEC partiu de Cuiabá o segundo BEC partiu de Santarém, ele construiu, o nono BEC construiu muito mais quilômetros de estrada que o segundo BEC, ele foi muito mais eficiente, é um camarada assim de carreira militar que com certeza ia se tornar um general, pois bem, como coronel ele trocou o generalato, deixou de ser general para ser gerente do Ariosto da RIVA, da INDECO, ele era gerente da INDECO, e ao mesmo tempo gerente da Fazenda Itamaraty, Olacir Morais(?), esse, o rei da soja, então esse homem saiu do comando do nono BEC, e foi ser gerente dos dois maiores empreendimentos no norte do Mato Grosso, evidentemente que ele tinha na sua cabeça, no seu método de trabalhar, no seu planejamento ele tinha muito claro os interesses dos militares que dirigiam o País na época, evidentemente que os interesses desses militares estavam muito ligados a empresários que estivessem dispostos a bancar grandes projetos, mas como é que eram bancados os grandes projetos, eu me lembro, por exemplo, quando começou o trabalho da INDECO no norte do Mato Grosso, do Ariosto da RIVA, ele começou com 1.250.000 hectares, desses 1.250.000 hectares ele aplicaria em 10 anos 525 milhões, eu ainda tenho esses números na cabeça, desses 525 milhões ele só entrou no bolso dele, no planejamento que foi aprovado pelo governo, com 8%, então ele tinha 1.250.000 hectares para explorar, bem desses 1.250.000 hectares ele tinha 525 milhões para aplicar em 10 anos e ele tinha obrigação de aplicar apenas 8%, então evidentemente que ele começou o planejamento dele, por exemplo, ele tinha oito aviões quando ele começou, por exemplo, a estabelecer Sinop, tinha oito aviões, tinha dentista, tinha médico, foi uma coisa muito rápida.

**NDI** - Quem financiou isso?

**XARÁ** - Esse financiamento, aquilo ali era área de SUDECO - Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste numa transação com SUDAM, você entende até aí vinha a SUDAM, que a SUDAM é Superintendência da Amazônia, então a SUDECO que era o órgão movimento do organismo era quem passava este dinheiro, quem pagava, quem pagava essa coisa, o Plano de Integração Nacional, o PIN, ele pagava isso. Além do PIN, você tinha um PND na época, um Plano de Desenvolvimento, um Plano Nacional de Desenvolvimento, completamente voltado



para o desenvolvimentismo da Amazônia, então o 1º PND, o 2º PND e o 3º PND eles eram todos voltados ao desenvolvimento da Amazônia através de incentivos fiscais. Bem, além dos incentivos fiscais, o governo bancava toda aquela infra necessária para os primeiros estabelecimentos, desses grandes projetos, ou seja, as estradas, quem bancava, era o governo, ele que bancava, no caso lá através do exército, ia lá para abrir estrada para o sujeito, o garimpeiro para entrar, o exército ia lá fazer uma pista de pouso para ele, faziam uma pista de pouso para ele, para entrar, ele punha seu acampamento do lado da pista de pouso, tratava logo de por perto de uma estrada também, depois o próprio exército tratava de levar alimentação para o pessoal, e isso você pode ver não aconteceu só com o exército, aconteceu com a FAB também, então aqueles Búfalos(?) que viajavam a região, eles saíam de Campo Grande, era um esquadrão de Búfalos que tinha lá no Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, então esse transporte aéreo que necessário fosse, era feito todo de graça, era feito todo de graça para os empresários que se estabeleciam na Amazônia. Você vê, por exemplo, ali próximo, ali no Peixoto de Azevedo, a sudoeste, em Fontanilha(?) a beira do Rio Juruena, ali você tinha um hotel, um hotel muito bom, que está lá em pé até hoje, só que não funciona mais como hotel, voltado só para hospedagem de empresário, então o sujeito chegava ali e tinha hospedagem de graça, alimentação de graça, a cerveja de graça, wiskie de graça, o avião para te levar de graça, era tudo de graça, para fazer uma espécie de propaganda da região, para buscar investimento para a região, evidentemente que esse investimento só era bancado pelo grande empresariado, não interessava o pequeno projeto, interessava na época o grande empresariado, e ao lado disso você tinha um outro programa de transferência de mão de obra através do INCRA, o INCRA pegava os sulistas desempregados ou com problemas de terra ou alguma coisa assim e levava para o norte através dos programas de colonização, a tendência, como se verificou, era a falência desses programas de colonização, a medida que eles faliam, o empresário, o grande empresário que já estava na área ele já tinha mão de obra na área, então isso foi todo um planejamento integrado, Plano de Integração Nacional onde vários organismos governamentais e vários grandes empresários tiveram uma participação lucrativa disso aí, e aí está o que aconteceu.

**NDI** - Então há julgar por estas condições o que seria a tua avaliação naquele momento e hoje como é que você veria olhando para trás essa situação, você acha que a transferência foi uma coisa necessária, haveria condições deles permanecerem em outras partes do território, como é que você faz, talvez na conjunção das duas visões, aquela do momento onde você tinha uma pressão muito forte em cima até dessa visão que era necessária proteger, transferir e hoje como é que você avaliaria. Se você tivesse condições de

repetir agora, se tivesse o poder de decisão, o que você faria?

**XARÁ** - Eu vou analisar a pior hipótese temporal, a pior, que foi exatamente quando os índios foram transferidos, tanto é, que eu achava, pensava e acreditava que não precisava transferir os índios que eu fui ao Parque Indígena do Xingu falar com Orlando e Cláudio Villas Boas e mostrar para eles que havia todas as condições naquele momento dos índios continuarem onde estavam, todas as condições, evidentemente para eles continuarem teria que se inovar em atitudes e medidas de proteção aos índios evidentemente, não poderia deixar a orientação do trabalho como estava, teria que ser feito todo um planejamento para que eles permanecessem, mas acontece que o planejamento que foi feito durante todo o tempo da atração foi para que eles não permanecessem, isso é uma decisão do governo, uma decisão do governo que foi acatada pelo Orlando Villas Boas, acatada e decantada, e exaltada, enfim, dizendo que a única saída para os Panará era a transferência, quando eu achava que não, eu achava que não, era só mudar a orientação que eles não precisariam sair de lá, absolutamente não precisariam sair de lá, não precisaria disso, agora há quem diga que a depopulação era tão grande, claro que a depopulação foi grande, imagina eles chegaram no Xingu chegaram a ter uma população de 81 pessoas, se não me engano, em certo momento, de 350 para 81 em 3 ou 4 anos evidentemente que é uma coisa horrorosa, mas estou convencido que isso foi deliberado, estou convencido, na época mesmo isso foi super denunciado, que aquilo ali foi, pode dar qualquer nome que você quiser dar, mas que tem cídio no meio, tem, genocídio, ectocídio(?), o nome que quiser dar, foi deliberado aquilo ali, entende como é que é, não tem dúvida nenhuma, agora, nesse sentido se não houvesse também a interferência do Orlando talvez não existisse mas nenhum Panará, concordo, eu concordo com isso, mas como também concordo que essa mortandade foi deliberada, se o Orlando, por exemplo, tivesse tido a posição desde o começo quando ele chegou lá de interditar a terra, a primeira coisa que ele devia ter feito foi isso, estabelecendo a frente de atração você delimita a área da sua atuação, o que que é uma área interditada, uma área dedicada, como está conceituada na lei, a estudos prévios, você faz uma grande mancha, uma grande mancha cujo território dos índios nunca vai ser maior do que aquela mancha que você elegeu, você elege uma grande mancha, na medida que você estuda aquela grande mancha você passa então a trabalhar em números menores, aí sim delimitando, a interdição significa que não poderá entrar na área ninguém a não ser aqueles que estão trabalhando com os índios procurando a delimitação da terra, isso não foi feito, isso não foi feito, porque que não foi feito, não é, é a primeira pergunta, porque que foi para lá estabeleceu sua frente de atração riquíssima e não foi feita essa interdição, se você olhar o eixo da Cuiabá - Santarém nessa altura quando chega no Rio Peixoto de Azevedo, ela tende um

pouquinho para a esquerda, um pouquinho para oeste, exatamente onde estavam os índios, porque que ela não continuou reto, ela passaria, se ela passou a 7 Kms de uma aldeia se ela continuasse reto ela passaria a mais de 7 KMS de uma aldeia, eu acho que a intenção inclusive pode ter sido de passar em cima de uma aldeia, para não haver retorno mesmo. Agora, eu também não sei, acho que não, que esse pessoal que estava lá trabalhando conhecesse todas as informações, que se sabe os militares detinham, todas as intenções dos militares, eu acho que havia mais uma vontade de agradar os militares que estavam na FUNAI, por parte desses funcionários da FUNAI aí, do que propriamente de discutir o futuro daquela região ou índios ali e tal, acho que havia mais um puxa-saquismo, na época havia uma vontade muito grande pro Orlando Villas Boas ganhar o prêmio Nobel da Paz, para o qual foi indicado e fez campanha durante anos para ganhar esse prêmio Nobel da Paz, evidentemente que isso tudo pesou, tudo isso pesou, tudo isso pesou, e voltando agora ao assunto havia todas as condições objetivas de vida dos Panará ...

Fita 02:

**XARÁ** - Então, essa transferência dos Panará uma amostra que ela foi bem equivocada é que na transferência os Panará foram colocados com os Txukarramãe, (?) que eram inimigos tradicionais, ou seja o que que aconteceu dentro do Parque Indígena do Xingu, esse ajuntamento de povos, aconteceu que os Txukarramãe simplesmente escravizaram os Panará, eles ficaram completamente dependentes, ficaram sem voz própria, numericamente inferiorizados porque chegaram, se não me engano, 81 pessoas dentro do Xingu com essa depopulação enorme, chegaram completamente enfraquecidos chegaram até mesmo a se aparentar com os Txukarramãe, ou seja deixando o cabelo crescer, tendo o tipo de comportamento dos Txukarramãe, ou seja, só havia essa saída, por que continuar na guerra com os Txukarramãe não dava, porque que colocaram junto com os Txukarramãe, exatamente com os Txukarramãe, para serem dominados, ou seja, na minha opinião os Txukarramãe foram usados na dominação dos Panará, e não digo também que foram usados inconscientemente não, quem é que não quer ganhar uma guerra, no caso está muito claro que a rivalidade guerreira histórica entre Panará e Tupiri(?), entre Craiacuri(?) e Txukarramãe, estava muito claro quem ganhou e quem perdeu, e esse método de usar grupos índios para dominar outros não foi uma sessão exclusiva Panará, foi tentado em vários outros lugares, vários outros lugares, por exemplo, Sateré com Waimiri-Atroari, foi transferida uma aldeia inteira de Sateré-maué colocada na boca do Rio Camandaú(?) e através de trocas comerciais e trocas parentais trazer o Waimiri-Atroari para o convívio da

sociedade nacional através de um povo que estava em contato já há 3 séculos, ou seja, isso foi um método muito empregado na época, tem outros exemplos não foi só esse. Bem, isso tudo denota que essa transferência dos Panará ela não foi uma coisa isolada, não foi um caso, que aconteceu, pelo contrário tantos outros grupos foram levados para dentro do Parque Indígena do Xingu, não foram só os Panará, tantos outros, para criar um ajuntamento de povos completamente artificial, colocando inclusive povos inimigos do lado de povos inimigos dentro dessa idéia que índio deve estar do lado de índio, não são índios, não existe esse negócio de índio, são povos muito distintos entre si, muito diferenciados entre si, e que muitas vezes tem aspirações de vida, de futuro completamente distintas, mas esse tratamento genérico de índio, esse amontoado de índio que fizeram, os Panará foram apenas mais uma vítima, evidentemente que eles tem (?) vantagem que eles ocuparam um vasto território sobre o qual nunca o Estado Brasileiro se responsabilizou, toda essa tragédia de morte por gripe, de mortes por alienação paternalista isso nunca foi revisto, tá um povo que tenta se recuperar ainda até hoje, mas ainda não conseguiu se quer ter a mesma população que tinha na época do contato.

NDI - Que ano você chegou no Xingu?

XARÁ - no Panará? No Peixoto?

NDI - No Peixoto, chegou no Peixoto?

XARÁ - Em 73.

NDI - Que ano você saiu de lá?

XARÁ - Eu fiquei lá mais ou menos um ano, devo ter saído 73, 74 talvez.

NDI - Durante esse tempo que você ficou em algum momento se cogitou não transferir, se cogitou buscar uma área dentro do território tradicional longe desses problemas que estavam acontecendo como a construção da estrada, ou a ordem do dia a dia era espera a transferência, havia essa palavra clara sendo dita a todo o momento, é para transferir esse contato, significa que vai se transferir, qual era a orientação dita por quem chefiava, por exemplo, a equipe da qual você participou, no caso o Apoena?

XARÁ - Não se falava em transferência, em nenhum momento que eu estive lá não se falava em transferência, nunca houve essa palavra transferência, o que aconteceu foi o seguinte, assim que eu tive problema lá com o BEC, briga lá com os



militares e aquela coisa toda, assim que eu tive esse problema eu sai da FUNAI, fui demitido da FUNAI, eu denunciei a coisa para a opinião pública e a FUNAI me demitiu, primeiro me suspendeu e depois, por trinta dias, depois me demitiu. Então quando eu soube dessa transferência, foi muito rápida essa idéia de transferência, foi um jogo super rápido quando se falou em transferência, eu devia ter sido demitido da FUNAI quando se falou na transferência assim tipo uma semana antes, quando se falou a primeira vez nos jornais sobre a transferência deles, agora, isso é certo mesmo, enquanto eu estava lá não havia essa intenção de transferência, não se falava nisso, não se falava nisso, os problemas eram encarados assim, a estrada que a gente achava que não devia passar ali, o eixo dela devia ser mudado, depois que ela passou discutiasse o relacionamento dos militares, ou seja não os militares, mas o pessoal do BEC que tinha esse vício também com os índios, se discutia esse relacionamento, achava que não devia ser da forma que estava acontecendo, então a coisa era discussão ao nível do protecionismo e ao nível das propostas que foram feitas na época da interdição da área, foram feitas propostas, feito mapas, requerida a interdição daquela área.

**NDI** - As propostas foram feitas no tempo que você permaneceu no Peixoto?

**XARÁ** - É, foram feitas.

**NDI** - Você tinha idéia qual era a proposta de interdição que foi apresentada?

**XARÁ** - A gente tinha uma grande mancha, uma grande, enorme em mapa, uma grande mancha, que é mais ou menos aquela que eu me referi atrás, com aqueles limites de Teles Pires, de Cururu e Serra do Cachimbo, e território Txukarramãe, então a gente tinha uma idéia do que devia ser, agora é claro que com tudo isso seria uma área interditada já com a estrada dentro, já com a estrada já dentro de uma área que seria interditada, quer dizer...

**NDI** - A estrada faria parte da área interditada, Cuiabá - Santarém?

**XARÁ** - Ela ficaria dentro da área interditada, quer dizer, quando se falou em interdição, ela já estava atrasada a interdição, a interdição devia ser decidida logo quando se sobrevoou que se sabia onde tinham aldeias, logo de início devia ter sido pedida a interdição, mas não foi pedida.

**NDI** - Você tem conhecimento se alguém da FUNAI, Cláudio, Orlando, Apoena, se você na época, ou outro membro que participou dessas equipes de atração, chegou em algum momento a propor, ou formalmente ou por rádio ou em conversas com autoridades da FUNAI, como o delegado em Cuiabá, ou o Presidente em Brasília, a alteração desse traçado da estrada, isso em algum momento chegou a ser proposto?

**XARÁ** - Eu cheguei a participar, me lembro de pelo menos uma reunião bem formal no quartel do BEC, em Cuiabá.

**NDI** - Quem participou dessa reunião?

**XARÁ** - Fui eu, o Coronel Olavo, o Coronel Meireles, o Tenente Ewerton, o Capitão esqueci o nome dele,

**NDI** - O Coronel Olavo era o chefe da FUNAI em Cuiabá?

**XARÁ** - Era o chefe da FUNAI em Cuiabá, o delegado da FUNAI em Cuiabá, tem mais gente, o Tenente Sérgio, que era um funcionário da FUNAI, era o vice, subdelegado que chamava, o subdelegado de Cuiabá o Tenente Sérgio, quem mais, não sei se o Sydney Possuelo estava nessa reunião ou não, não me lembro agora, não sei se ele estava, não tenho certeza, enfim algumas pessoas assim, lá foi discutido, a reunião começou com a possibilidade de desviar a estrada, e terminou transferindo para o BEC a responsabilidade de apoio a frente de atração, um reunião bem esquisita, ela começa se discutindo a possibilidade de transferir o eixo da estrada e ela termina decidindo que a estrada vai ficar onde está e que a responsabilidade de apoio a frente de atração passaria a ser do BEC, então uma reunião desse tipo, uma reunião desse tipo.

**NDI** - Qual foi a justificativa apresentada por exemplo para não se desviar o traçado da estrada e se entregar ao BEC a decisão de apoiar a frente de atração?

**XARÁ** - A justificativa tinha uma coisa assim de romantismo histórico, ela encapuçava aqueles militares ali de um certo Rondonismo, ela é uma coisa que tem assim muito através do trabalho do Rondon, que enfim, que o BEC, um dos objetivos dele, como eu falei anteriormente, era ir instalando infra-estruturas ao longo da estrada, uma coisa bem desse nível, quando a gente que estava no mato sabia que isso não estava acontecendo, o que estava acontecendo era a desgraça daquele povo ali através daqueles mecanismos paternalistas imprimido pelo BEC, mas o discurso externo, era um discurso de Rondon, era um discurso de proteção aos índios, essa que é a verdade e o que passou para a opinião pública foi esse discurso, o

povo brasileiro todo acreditou nesse discurso, ao lado disso os índios gigantes, que eram muito falados aquela coisa toda, e queridos até por essa razão de serem tão distintos com o seu gigantismo, eles chamavam muita atenção, tinham muito espaço na imprensa, essa coisa toda, então o que se passou foi um certo folclorismo desse gigantismo, uma certa bondade de proteção, quando o que estava acontecendo não era isso, tanto é que os números de depopulação desses índios provam isso claro, claramente.

**NDI** - Nessa reunião quem teve o poder de decisão de dizer que a estrada mantinha o seu traçado cortando o território Panará e de entregar ao Batalhão de Construção esse apoio, quem falou, quem decidiu, foi uma decisão de consenso entre FUNAI e exército, era só a FUNAI que decidia, quem batia na mesa e dizia o que ia acontecer?

**XARÁ** - Não teve esse caráter não, com certeza não teve, não era reunião com ata, não era nada disso, e foram discutidos esses problemas todos, esses problemas com certeza foram levados a nível superior de governo, de governo militar, não houve uma decisão ali na hora, não soubemos ali na hora, o que estava decidido, mas se sentia claro o caminho que ia tomar aquilo, agora você não se esqueça de uma coisa, você está lá, como indigenista, você está lá, jovem, com toda a vontade, mas sem nenhuma palavra de ordem, e nenhuma experiência suficiente para poder aclarar mais ainda as questões, apesar de se ter já na época uma certa visão de Amazônia mesmo precária, mas já se tinha enfim, enfim não havia a possibilidade de se ter uma palavra muito ilustrativa, mesmo porque não era dada assim a palavra tão a vontade, era uma coisa muito constrangedora, era tipo tentativa, vamos lá, vamos fazer, então foi uma coisa com certeza sem documentos formais, sem decisões definitivas, mas todo o clima te levava a indicar, o pingo no "I" estava muito claro, estava muito bem entendido que aquela estrada não ia mudar na medida em que, inclusive, esse poder vamos dizer assim de gerência daquele trabalho com os índios, esse poder de apoio numa região daquela era o poder mais importante, passou para o exército, passou para o BEC, quer dizer, está muito claro quem ia mandar dali em diante,

**NDI** - O traçado da estrada cortando esse território do Peixoto de Azevedo pelo que você observou a época, pelo que você andou, se você ouviu falar isso, era o melhor traçado, havia um outro, por exemplo, que pudesse ser mais econômico em termos de custo, em termos de dificuldades que se poderiam abater ou diminuir para a construção, tipo em terreno mais seco, não passando pelo Peixoto, que pelo que a gente soube era onde se precisou construir muitas pontes, havia muitos rios, havia terrenos de charque, havia incidências de malária, ou seja havia um traçado melhor para

a construção da estrada isto na época em que você esteve lá chegou ao teu conhecimento, os trabalhadores da construção reclamavam que de que aquele traçado era o pior possível por todas as dificuldades que ele apresentou a quem trabalhou na frente de abertura da estrada?

**XARÁ** - A estrada ela tinha, essa estrada tem uma peculiaridade, primeiro se ela passa mais afastada do São Manoel, do Telles Pires, que é uma via natural de transporte, de comunicação, se ela passa um pouco mais afastada ela cortaria, por exemplo, o Rio Peixoto de Azevedo mais na cabeceira, claro seria um rio muito menor, ela poderia encontrar com a BR80 que vinha no sentido quase transversal, leste oeste, ela poderia encontrar em qualquer momento com a BR80, qualquer lugar que ela passasse mais a leste ela poderia pegar cabeceira rio cabeceira, portanto mais estreito, e ficaria mais distante de uma via natural, ela não concorreria com o Telles Pires, por exemplo, isso com certeza, tanto é que o lugar que ela passou no Peixoto ela dá uma leve flexão para oeste, para mesmo, parece que intencionalmente, chegar mais próximo do território dos índios, ela poderia perfeitamente, sem problema nenhum, talvez até com melhorias, para cumprir a própria finalidade dela passar um pouco mais a leste, alguns quilômetros mais a leste, não haveria esse problema tão grande, agora, discutir isso isoladamente é até bobagem, porque todas essas estradas foram construídas com essa intenção, a Transamazônica cortou a aldeia dos Tenhari(?) ao meio, Cararao(?) como ficou, o traçado da Transamazônica concorrendo com as grandes vias naturais, quer dizer, isso tudo foi um planejamento estratégico da época, que chamava Planejamento Geopolítico, alguma coisa assim, tinha um nome que se dava para isso aí, que a gente sabia claramente que era, isso já se sabia na época, que era ocupar certos espaços estratégicos na Amazônia, inclusive desmatando certos espaços estratégicos, não fosse assim, o planejamento da Transamazônica como foi, as colonizações foram feitas em lugares muito inadequados, quando existiam opções melhores, o traçado da Transamazônica ele é todo intencionalmente estratégico, estratégico no sentido de segurança nacional, segurança nacional no sentido de dominação militar de território, de facilidade de acesso militar ao território, e não estratégico no sentido de se realizar um bom desenvolvimento, isso realmente não houve, eu tenho a impressão em certos momentos que alguns grandes projetos, como Balbina (?), enfim outros desastres que aconteceram aí, eram projetos que tinham como primeiro primado(?) o encarecimento, quanto mais caro fosse melhor seria, porque por exemplo que o BEC, se você olhar os preços da época, os Batalhões de Engenharia e Construção do exército eles cobravam o quilometro deles era 10 vezes mais caro do que de qualquer empreiteira, 10 vezes mais caro, isso foi muito discutido na época, inclusive por jornalistas na época, me lembro de alguns livros até que saíram, que discutiram isso



ai, isso está escrito, e as justificativas eram as mais simplórias possíveis, então num caso desse do Panará, tratou-se também de uma justificativa simplória, completamente sem poder de convencimento, e ao mesmo tempo que isso acontecia com os índios, essas transferências, o jeito que foram tratados, o jeito que foi feito o planejamento de desenvolvimentismo da área, ao mesmo tempo você tinha uma imagem dos índios, da imprensa, como bravos, como simpáticos, como gigantes, como coisa exótica, e os Panará com certeza venderam muito jornal, se fosse falar ai em direito de autoria, em direito de imagem, eu acho que eles estariam hoje com a possibilidade de se tornar um povo milionário, um povo com muito dinheiro, porque o que eles venderam de jornal foi uma loucura.

**NDI** - Quem da FUNAI ia nessa, além das pessoas que estavam lá trabalhando, quem ia da FUNAI verificar os trabalhos, você tinha a presença, em algum momento, quando você esteve lá durante esse período de 1 ano, 1 ano e pouco mais, o Presidente da FUNAI esteve lá alguma vez, o Delegado da FUNAI, o chefe da FUNAI em Cuiabá, vocês tinham orientação direta, recebiam alguma espécie de instrução clara de agir assim, agir de uma forma diferente, de pessoas no topo da Administração da FUNAI?

**XARÁ** - Bom, que eu me lembro, esteve lá, enquanto eu estava lá, apenas o Coronel Olavo, que ele foi lá, inclusive levou um monte de jornalistas, todos os jornais deram, ele ensinando um índio a cortar com um machado de ferro pela primeira vez, então saiu aquela fotografia em todos os jornais, esteve lá tirou a fotografia ele ensinando o índio a cortar com machado de ferro, evidentemente os índios já estavam cortando com machado de ferro, para fazer essa propaganda, e foi feita essa propaganda. O Coronel Olavo, depois esteve a Valéria Parize, essa antropóloga, esteve a D. Cecília, enfermeira, está viva, trabalha lá em Cuiabá, para fazer uma primeira campanha de vacinação, que eu me lembro só. Não havia essa coisa ai, você veja o seguinte, essas frentes de atração eram feitas em cima de nomes, e nomes heróicos, eram os grandes heróis sertanistas, o que o Orlando Villas Boas pensava, o que o Chico Meirelles pensava, enfim, quando se lançou nacionalmente o Apoena Meirelles, era (?) o Apoena Meirelles, o que eles pensam, então a coisa era resolvida através do bom sensismo, do bom senso da cabeça de cada um desses sertanistas, e nesse caso ai um pertencia a uma escola de preservação cultural, no caso do Villas Boas, o outro pertencia, no caso do Chico Meirelles, pertencia a uma escola de integração harmônica a sociedade nacional, então a coisa girava em torno de pessoas, de pessoas ilustres, heróicas, sertanistas, mas sem esse caráter do aventureiro, na verdade os sertanistas não tinham caráter aventureiro, pelo menos não era passado isso para a opinião pública, eles tinha caráter de homens

humanistas e muito sábios, humanistas e muito sábios, homens de grande discernimento, como se pudessem ser assim entendidos como um grande filósofo, por exemplo, grande humanista, uma coisa assim. Então, isso aí era deixado ao discernimento de cada chefe de frente de atração, ele é que discernia o seu método, a sua coisa, ele não tinha alguém que o orientasse, ou discutisse com ele, não existia isso, ele só tinha restrições quando mexia com alguma coisa que não interessava ao poder político - econômico instituído no país, então aí, com certeza ele tinha lá suas limitações dentro da sua ação, mas era entregue completamente o trabalho, tanto é quando, por exemplo, o Chico fez a primeira expedição para lá, especificamente no Panará, aí depois foi a (?) vendeta dos Villas Boas fazerem, aí outra politicada para tirar os Villas Boas para por, nesse tempo o Chico Meirelles era assessor da Presidência, para por o Apoena, o filho do Chico Meirelles que era um juvenzinho naquela época, então, era uma coisa assim meio mafiosa, meio de brigas de famílias de sertanistas, a coisa passava por aí. E esses generais, eles se aproveitavam muito disso aí, eu estava vendo, por exemplo, para minha surpresa, um dia desses, eu estava vendo uma fala do Orlando Villas Boas desde que ele foi trabalhar na Fundação Brasil Central, de lá para cá, desde, se não me engano, desde Getúlio Vargas, do segundo governo Getúlio, que ele falou com todos os Presidentes da República, todos recebiam ele, todos, e me lembro particularmente, dele falando isso aí, quando ele descreve a fala com o General Castelo Branco que foi o primeiro Presidente militar após o golpe de 64, ele descrevendo, que coisa simpática, como que o Castelo Branco falou para ele, faça o que você quiser, que você tem todo o apoio no governo, não sei o que, pelo menos, ele falando isso aí na televisão. Então esses homens, eram homens muito ligados ao poder, essa história de frente de atração sempre foi uma coisa muito ligada aos poderes constituídos, na verdade esse sertanismo, ele sempre tratou foi de desimpedir problemas que índio pudesse trazer ao desenvolvimento, a interiorização do desenvolvimento, a integração do território nacional, se você for ver todos os casos denunciam o que eu estou te falando, denotam o que eu estou falando, nunca a bem da verdade esse bom sensismo veio em nome de uma, em nome verdadeiro de uma escola de pensamento, por exemplo, não isso é uma coisa muito confusa, muito romântica, muito cheia de bom senso mesmo, então fica muito difícil você avaliar, por exemplo, os métodos que em determinado momento foram empregados, as intenções que em determinado momento foram empregadas, era muito mais uma luta de famílias de que propriamente o estabelecimento de uma ordem de pensamento.

NDI - Durante o tempo que você ficou na frente, quais eram os problemas que aconteciam com os Panará a nível de doenças, que levaram o resultado em morte, o que você

presenciou de agravamento de saúde, desse decréscimo populacional que você relatou.

**XARÁ** - Devo até ter fotografia sobre isso aí, se não tiver, tenho negativos, com certeza. Por exemplo, na beira da estrada, vários índios, 30, 40 ou 50 índios todos gripados, todos gripados, todos absolutamente gripados, e nós não tínhamos enfermeiro, o enfermeiro era do BEC, era cedido pelo BEC o enfermeiro, contratado pelo BEC, cedido pelo BEC para ocasionalmente atender os índios, você vê a que situação a coisa chegou, quando as estrelas saíram, quando saiu o Orlando, saiu o Apoena, e ficou o Campinas que era um homem muito pouco conhecido, enfim um homem de pouco estudo, um homem muito mais chucro, muito mais rude, então foi aí que passou mesmo o apoio para o BEC.

**NDI** - E essa enfermeira que você falou que tinha lá, a enfermeira Cecília, que você até deu o nome, ela não estava lá nesse momento?

**XARÁ** - Foi nessa época que ela foi.

**NDI** - Ela foi?

**XARÁ** - Foi, para fazer uma campanha de vacinação.

**NDI** - Quando os índios já estavam todos doentes na beira da estrada?

**XARÁ** - Já estavam doentes na beira da estrada, fazer uma campanha de vacinação. Agora, eu me lembro, por exemplo, nessa aldeia pequena perto da beira da estrada, na aldeia menor nós fomos lá inclusive para ver os índios todos gripados, até me lembro a gente(?) não aceitava o negócio na base da injeção, não aceitava injeção, teve até o problema com o Mancut (?), por exemplo, que reagiu pegando uma coisa que até me cortou assim, então o negócio partiu-se para a injeção, e começou a morrer índio, começou a morrer índio, de repente cadê o fulano, não sabe, morreu, não apareceu mais, cadê o fulano, não sabe, virou uma loucura, virou uma loucura.

**NDI** - Você presenciou quantas mortes nesse período...(?)

**XARÁ** - Não sei quantas não, não sei não, muitas, não sei, muita coisa.

**NDI** - O que você chama de muitos 20, 30, 40, 50, 100.(?)

XARÁ - É por aí.

NDI - Você chegou a ver índio sendo enterrado?

XARÁ - Literalmente, sendo enterrado não nunca vi, mas vi muitas covas, muitas covas recentes.

NDI - Quem fazia os enterros os próprios índios ou a equipe da FUNAI?

XARÁ - Não, os próprios índios, os próprios índios. Não existia essa intimidade, vamos dizer assim, nem com o BEC, nem com a FUNAI, nem com ninguém, não havia, era ainda um relacionamento de desconfiança, claro, imagina, não existia essa coisa de amizades pessoais, essa coisa não, isso com certeza não existia, era uma coisa muito assustadora, eles estavam muito assustados, muito estressados, muito, vamos dizer assim, anômicos(?), muita anomia, muito não saber o que fazer, isso era muito claro, muito claro, e na nossa cabeça também, pelo menos do grupo que era mais próximo, era a mesma coisa, a gente tinha os mesmos sentimentos, a gente não sabia o que fazer, a gente não sabia mais que rumo a coisa tomou, enfim, de repente a coisa saiu dos jornais, deixou de ser assunto, esqueceu-se, e daí a transferência.

NDI - Você chegou a ver os índios morrerem, por exemplo, de doença ou gripe no acampamento da FUNAI, aconteceram mortes que você tenha presenciado...(?)

XARÁ - No acampamento da FUNAI eu presenciei um índio matando o outro, isso eu presenciei.

NDI - Por conta de quê?

XARÁ - Discussão entre eles, e a discussão era sobre o comportamento que se devia ter, com certeza, em relação a frente de atração, em relação ao que estava acontecendo, a estrada. E numa dessas discussões eu vi mesmo um índio matando o outro de borduna, numa briga. Presenciei outros fatos assim que talvez seja difícil fazer ligação com tudo isso, talvez possa parecer fato isolado, e talvez sejam fatos isolados mesmo, mas eu por exemplo tive uma experiência de estar na estrada já e passei a ficar na equipe arrastão, dormir na equipe arrastão, porque os índios vinham no almoxarifado, e estava combinado que o BEC não daria mais comida para eles, e essa era a melhor maneira de eu policiar o BEC, aí os índios começaram a assaltar, primeiramente, começaram a assaltar o barracão de comida, depois vieram 3 mulheres sozinhas, apareceram 3 mulheres, dizendo que queriam permanecer conosco no acampamento ,



dessas 3 mulheres, foi uma dificuldade para mandar elas de volta, claro, imagina, uma dificuldade para mandar elas de volta, aquela coisa toda, fui a aldeia dizer que as mulheres estavam lá, aquela confusão toda, dessas mulheres 2 foram mortas pelos maridos, 2 com certeza foram mortas pelos maridos. Agora, o estado, por exemplo, de gripe era assim geral, todo mundo gripado, com catarro, geral, todo mundo morto de gripe, isso aí era permanentemente, aí se você dava um antibiótico oral vinha a diarreia, que não suportavam a dose de antibiótico oral, aí você tinha que partir para a injeção, injeção não queriam tomar porque dói, até que descobriram através de alguém a tal da injeção na veia que não doía.

**NDI** - Bem a gente estava falando da questão das mortes, eu queria que você dissesse assim, como é que era essa parte de assistência, por exemplo, vocês tiveram enfermeiro o tempo todo, não tinha, tinha médico na frente?

**XARA** - Não, aconteceu o seguinte, essa primeira equipe que foi para lá, primeiro seguimento, que eram 42 homens, caíram os 42 de malária, daí foram 2 enfermeiros para lá, para cuidar dos 42 índios trabalhadores que estavam lá. Esses 42 também caíram de malária, então foi um problema, houve um esvaziamento grande da frente, essa coisa toda. Aí quando veio o segundo seguimento, havia um enfermeiro, está vivo, é funcionário da FUNAI até hoje, que é o Motina, o Felisberto Cotonodepá (?), então era enfermeiro prático, tinha feito alguma iniciação a enfermagem, então tinha um auxiliar de enfermagem na frente, nessa região, nessa época já tinha muita malária mesmo, falciporum, então estava permanentemente todo mundo com malária e eventualmente tinham que sair para o hospital, aquela coisa toda, para Cuiabá e se tratar e voltar, aquela coisa toda. E depois houve a D. Cecília, que foi fazer uma campanha de vacinação e houve também esse enfermeiro do BEC, não me ocorre o nome dele aqui agora, que ficou, ele era enfermeiro do BEC, então se precisava de algum serviço, ele inclusive chegou a ir a uma aldeia uma vez comigo...

... não houve uma preocupação sistemática com a questão da saúde, nem para os próprios funcionários, isso nunca houve, uma preocupação sistemática.

**NDI** - Então essas idas de enfermeiros eram variáveis, periódicas, eles iam ficavam um tempo e voltavam. E médico, não tinha médico?

**XARA** - Não, não. Médico, agora me lembrei, teve uma visita médica sim, do Dr. Antônio Figueiredo, era um médico da FUNAI, acho que não está mais na FUNAI, o Dr. Antônio Figueiredo fez uma visita lá uma ocasião, me lembrei agora, veio, vieram os índios chamar para ir a aldeia que tinha 4

pessoas muito doentes, me lembrei agora, aí nos pedimos um médico em Cuiabá, aí foi o médico da FUNAI, Dr. Antônio Figueiredo, foi até o posto da frente de atração, o posto principal e de lá nós nos deslocamos para a aldeia norte, essa Paquassu, aliás é aldeia que eu mais conheci, que eu fui assim mais vezes, então lá chegamos, na entrada da aldeia já tinha um urubu, ah um urubu, um gavião real desses de grande envergadura, aquele gavião maior, já espetado, morto, na entrada da aldeia, então aquilo ali já era um sinal de morte, chegamos lá encontramos 4 doentes, muitos doentes mesmo, um deles eu me lembro bem, que ele estava com o baço caído, então era um sintoma de uma malária que vinha ali já há muito tempo, resistindo, enfim, ele estava com o baço bem caído, estavam os 4 deitados, e os índios só permitiram que a gente ficasse na aldeia, o Moicara (?) estava junto também, agora me lembrei, o Moicara Txucarramãe estava junto, se não me engano o Vaivai(?) também estava, então eles permitiram que a gente ficasse só durante o dia, que nós saímos bem de madrugada, andamos o dia todo, como foi? Não, nós andamos a noite toda, chegamos lá de manhã, andamos a noite toda, chegamos lá de manhã e permitiram que a gente ficasse só durante o dia, um desses quatro morreu, esse que estava com o baço caído, era um homem já de idade, esse morreu. Os outros 3 não morreram, os outros 3 não morreram, agora só foram medicados nesse dia, que não permitiram que a gente ficasse lá, aí o médico retornou no outro dia mesmo para Cuiabá, depois eles pediram que a gente voltasse lá para atender os índios, mas o médico já tinha ido embora, mas tipo assim, dias depois, aí voltamos nós mesmos, já com o Felisberto, que era o nosso auxiliar de enfermagem e continuamos a medicar os índios e eram todos os 4 malária, continuamos a medicar e tal, e a medicação a gente não podia deixar com eles, porque já tinha havido um problema de uma senhora Panará que tinha roubado uma, um frascozinho de novalgina, e deu um problema muito grande porque ela chegou a tomar um bocado daquele frasco de novalgina e a pressão dela baixou e ela quase morreu, então já tinha um problema, não tinha como deixar o medicamento com eles, então esses 3 a gente foi cuidando esporadicamente, assim a cada semana, ou eles começaram a aparecer no posto, aí a gente dava ali um remedinho que tivesse por ali, sabe aqueles remedinho de farmácia sem, sem, remedinho, não tinha recurso, vamos dizer assim, de remédios e não havia ninguém que entendesse disso, profissional de saúde não havia, então a gente fazia aquele paleativozinho, e foi tudo feito na base do paleativozinho.

NDI - Você falou que quando você chegou, você nunca tinha visto uma frente de atração com tanto apoio, aviões, alimentos, cozinheiro, gente que fazia toda a parte de infra estrutura, como é que numa situação tão grave, onde estavam aparecendo sérias doenças, tendo mortos, não se montou uma infra-estrutura nessa área de saúde, porque o descaso com a

não permanência, por exemplo, de uma equipe médica o tempo inteiro no local, com enfermeiras, com remédios, com gente que pudesse prestar apoio nessa área, vocês chegaram a reivindicar isso da FUNAI, na época o chefe da equipe, o Apoena, chegou a reivindicar, porque apenas a passagem esporádica em alguns momentos de pessoas da área de saúde e não a manutenção delas o tempo inteiro como, por exemplo, a manutenção de técnicos indigenistas, de sertanistas e outras pessoas que compõe a equipe?

**XARÁ** - Não houve isso não, é como eu te falei, depois que o Apoena saiu, acabou, quando o Orlando saiu a coisa já caiu bem, materialmente já caiu bem, quando o Apoena saiu, acabou, ficou sem nada, ficou entregue as baratas, não tinha absolutamente nada mais.

**NDI** - Você atribui isso a que? Porque havia e deixou de haver, perderam o interesse porque já haviam contactado.

**XARÁ** - Eu acho que sim, que inclusive depois que contactou, que entrou em estado de penúria, os índios saíram do jornal, os índios não ficaram mais no jornal, não saíram mais no jornal, então eu tenho a impressão que acabou aquele aplombe, acabou a coisa diferente, eu acho que começou a desgastar a imagem dos Craiacuri(?), acho que deixou de vender jornal, acho que o povo foi perdendo o interesse, deixou de ser uma prioridade aquela frente de atração, no caso passou a ser para aquela outra que o Apoena foi, que foi a Avã-Canoeiro, que foi aquela coisa toda também, aquela coisa toda. Pois bem, agora, em relação a coisa de saúde, você vê, eu sai, antes de ir para o Panará, quando eu sai lá do Keniã (?), do Waimiri-Atroari, eu fiz a denúncia, porque a FUNAI mandou a vacina, para vacinar os índios, uma vacina que se chamava multivac ou plurivac, era uma coisa dessas, era uma vacina com vários tipos de vírus de gripe. Então, estava lá inclusive o chefe da frente de atração que era o Gilberto Pinto Figueiredo, ele chegou com essas vacinas, e falou vamos vacinar os índios, nós vacinamos 15 índios, dos quais morreram 14, morreram 14 índios dos 15 vacinados, entraram, contraíram a gripe e morreram. Bom, eu fiquei muito preocupado com aquilo, fui a Manaus falei com o Dr. Molina, o Dr. Molina era o chefe da saúde da FUNAI, a nível nacional, um castelhano, peruano, boliviano, alguma coisa assim, falei com ele, ele estava em Manaus, e relatei o que aconteceu, relatei o que aconteceu, e eu queria saber se a dose que nós aplicamos não era apropriada, eu queria saber essas coisas, se a vacina era apropriada, era uma vacina nova, era uma vacina que não era de uso generalizado ainda no País, era vacina nova, conversa com ele, conversa vai conversa vem, deu em nada, falei com o General Coutinho que era o delegado, aconteceu isso, vacinamos 15, morreram 14. Esse negócio virou uma sindicância em cima de mim, porque eu fiz a denúncia nos jornais, denunciei nos jornais que tinham

vacinado 15 e tinham morrido 14, eu achava que era minha obrigação e fiz, isso resultou numa conversa aqui em Brasília, com o General Coutinho que era meu chefe lá e o General Ismarth, que era na época o Superintendente da FUNAI, Superintendente Geral da FUNAI, e naqueles dias estava respondendo pela Presidência da FUNAI, eu acho que o General Bandeira estava viajando, alguma coisa assim, então viemos conversar, e o General Coutinho queria me convencer que aqueles índios estavam todos debilitados, aí eu mostrei, umas fotografias que eu tinha, que aqueles índios quando o Gilberto chegou no posto, vindo de Manaus, com as vacinas, os índios estavam no posto e eles ajudaram a descarregar o barco do Gilberto, então mostrei eles carregando, inclusive um índio que tinha o apelido de Passarão, um índio mais velho, ele com um saco nas costas subindo a barranca, aquele saco devia pesar uns 30, 40, 50 quilos, é um saco mesmo, com peso, então se ele estivesse debilitado, ele não ia subir aquele barranco, no posto Camandaú(?), no posto indígena de atração Camandaú, então o meu argumento era esse, não estavam, não estavam debilitados, não estavam debilitados e de 15 morreram 14, então eu estou te falando isso para exemplificar, para você ver, como é que era encarada essa coisa de frente de atração, agora, num levantamento feito junto com o José Luiz dos Santos, lá da Unicamp, a gente, começou, (?) ele estava na FUNAI, a gente começou a procurar relatórios sertanistas, então desses relatórios que conseguimos, relatórios escritos e assinados por sertanistas em frente de atração, do material que a gente conseguiu a gente chegou a um número aproximado, assim, mas muito expressivo, que diz o seguinte: frente de atração em 2 anos ela depopula 45%, isso é um termo médio, frente de atração depois de 2 anos ela depopula 45%, em cada 100 índios desaparecem 45, pelo menos essa é a prática das frentes de atração que foram feitas aí nos anos 70, essa é que é a verdade.

**NDI** - Lá no Peixoto vocês informavam essas mortes que estavam ocorrendo, informavam com nomes, por exemplo, havia um relatório quando ocorria uma morte, morreu hoje o índio com o nome tal, havia esses relatórios, esses relatórios eram passados para onde, onde eles eram arquivados, como eles eram enviados?

**XARA** - Para você ter uma idéia, a coisa era feita por rádio, então tinha um telegrafista permanente, agora, o relacionamento com os índios era quase nenhum, alguma visita ocasional, que eles vinham ao posto, assim ocasionalmente convidado para ir a aldeia, então a gente pouco via os índios, essa é que é a verdade, a gente pouco via os índios.

**NDI** - Vocês ficavam no posto e os índios na aldeia?



XARÁ - Exatamente.

NDI - A uma distância de quantas horas?

XARÁ - Essa aldeia que a gente tinha mais contato, a gente, por exemplo, para ir lá fazer esse socorro, nós andamos, eu me lembro desse dado, se não me engano foram 52 Km num dia, para ir atender e voltar, mais uma légua que dava de barco, mais uns 12 km, é isso mesmo, aquele cálculo que eu fiz, uns 70 Km mais ou menos, de distância, 60, a grosso modo, mais ou menos, talvez menos, tem que olhar no mapa direito, eu te dou essas distâncias., mas é uma coisa assim, para você ir e voltar no mesmo dia, é um esforço muito grande que nós fizemos viajando uma noite, é distante, coisa que, distante, essa aldeia sul, por exemplo, ela ficava do posto mais ou menos 50 Km em linha reta, um cálculo feito por avião, isso eu me lembro, mais ou menos 50 Km em linha reta, então você não tinha contato com os índios, você tinha ocasionalmente, enquanto a estrada não passou a gente não estava preocupado, só que a gente pensava que a estrada ia demorar muito mais tempo para passar, para chegar ao Peixoto de Azevedo, eles fizeram um esforço extremo para chegar logo, a gente pensava que para chegar no Peixoto de Azevedo, eu mesmo pensava, que assim nos próximos 2 anos ela não chegava, que ela gastaria pelo menos 2 anos a mais do que ela gastou.

NDI - E Ela gastou quanto para chegar, do tempo que você chegou até quando você saiu ela gastou quanto tempo?

XARÁ - Não sei, porque quando eu cheguei ela ainda não estava na beira do Peixoto de Azevedo, ela não tinha chegado na beira do Peixoto.

NDI - E quando você saiu ela estava onde?

XARÁ - E quando eu saí, nesse espaço, vamos supor que eu fiquei lá um ano, não sei, mais ou menos, ela já estava lá em Cachimbo, 128 Km do Peixoto.

NDI - Então ela passou do Peixoto?

XARÁ - Além, ainda tem esses 128 Km, rodando de carro, e o trecho antes que eu não sei quanto que era, não me lembro onde é que ela estava antes.

NDI - Ela chegou, passou e continuou?

XARÁ - Continuou para Cachimbo, para o norte, 128 Km dá só do Peixoto até o acampamento XV de Novembro que era lá perto do Cachimbo, aí são 128 Km, se rodava de carro até lá.

NDI - E vocês não tinham nenhuma informação, por exemplo, a estrada está chegando, é bom que vocês tomem providências...

XARÁ - Nenhuma, absolutamente nenhuma.

NDI - Vocês não sabiam da marcha da estrada?

XARÁ - Nenhuma.

NDI - Vocês estavam lá separados de qualquer ação coordenada pelo menos no sentido de a estrada está chegando então vamos criar tipo áreas de isolamento para que os índios não fossem apanhar as doenças que poderão ser causados em função desse contato indiscriminado com o trabalhador?

XARÁ - Não absolutamente nada disso. Não houve preocupação sistemática com saúde não, nenhuma, e nem informações desse tipo, absolutamente não houve, não existia isso, não tinha isso, nada disso, nada, não haviam reuniões, relatórios por escrito, se fazia relatório quando você queria denunciar uma situação que estava muito ruim, aí você escrevia um relatório, não havia o relatório mensal, o relatório semanal, não isso era feito por rádio cotidianamente, diariamente você tinha 2 horários no rádio, então qualquer ocorrência você fazia o radiograma e mandava o telegrafista mandar via telegrafia e também vinha resposta via telegrafia, então era um controle por rádio 2 vezes por dia.

NDI - Quando vocês informavam que tinha havido uma morte, que a situação de saúde estava grave, o que que, por exemplo, a FUNAI Cuiabá respondia?

XARÁ - Não, mas não havia essa coisa de você saber que a situação de saúde estava grave, que você não andava nas aldeias.

NDI - Quando você, por exemplo,...

XARÁ - Eu soube, depois que a estrada passou, que eu fui para a estrada, que me apareceu um grupo de 30 ou 40 pessoas, todos gripados, aí eu vi que o negócio estava muito ruim.

NDI - Aí, nesse caso você informou a Cuiabá que a situação estava ruim?

XARÁ - Nesse caso informei a Cuiabá, aí veio a Valéria Parize, o enfermeiro do BEC, aí medicamos aqueles índios que estavam na beira da estrada e fomos a aldeia e quando chegou lá nós encontramos outro tanto muito gripado também, e o recurso que nós tínhamos era injeção, injeção muscular, que eles se negavam a tomar porque dói, aquele troço, o recurso que nós tínhamos era esse, a orientação era essa, dar injeção contra gripe no músculo, isso fizemos em quem foi possível fazer. Dessa gripe aí, com certeza, morreu muita gente, morreu muita gente, porque quando nós estávamos atendendo lá na aldeia morreu um índio, dentro de uma casa, eu não estava dentro daquela casa, eu estava em outra casa, e nós fomos convidados a sair da aldeia.

NDI - Você chegou a ver esse índio morto?

XARÁ - Não, nós tínhamos atendido ele, nós já tínhamos aplicado, medicado ele, nós estávamos em outra casa medicando, quando falaram que ele tinha morrido e que era para a gente ir embora. Aí nós saímos, o cara tinha morrido, ele realmente estava mal, nós saímos, fomos embora, foi a última que eu fui nessa aldeia, a última vez. Então, não havia como se controlar sistematicamente, era uma frente de atração, "porra", você entende com que é, de índio que está acuado, índio primitivo, índio que não está sabendo o que está acontecendo, então as vezes que eu fui a aldeia foi a convite, por exemplo, fui a aldeia a convite, então, passavam meses sem ver índio, nenhum, nenhum.

NDI - Qual era a rotina nesse período em que vocês, vocês ficavam no posto o tempo inteiro?

XARÁ - A rotina, a orientação era ficar no posto, não sair ninguém sozinho, para não ser flechado. Era proibido caça, de jeito nenhum podia caçar, ninguém podia sair sozinho do posto e tomar banho na frente do posto e pescar na frente do posto, que havia um grande desmatamento na frente do posto e ficávamos ali, ficávamos ali, assim você está por exemplo almoçando, um grupo almoçando e o Rio Peixoto nesse lugar é estreito, então vinham flechas do outro lado do rio, para cá, em cima da casa que você estava almoçando, então isso era uma coisa que acontecia sempre. Assim o Uatuia(?), por exemplo, chegar fazendo discurso sozinho, você vê a coragem desse homem, discurso sozinho assim na cabeceira da pista, fazendo o maior discurso e, dizendo, chamando para briga, de borduna na mão, dando bordunada no chão, e chamando para briga. Todo dia de manhã o Uatuia, aí tem uma parte engraçada e saudável também, contar uma coisa engraçada, aí o Uatuia chegava todo dia e chamava para briga, aquela

coisa, nós aprendemos o nome dele, o nome dele era Uatuia, então quando ele chegava a gente cumprimentava, Uatuia rê(?), cumprimentava ele, e ele "RRRRR", Uatuia rê, ele "RRRRR", respondia com um berro, uma espécie de Tarzan, um troço assim, e com esse negócio de cumprimentar todo dia ele começou a ficar rouco, ele não conseguia mais responder, aí um belo dia, ele chegou lá todo bravo, batendo, chamando para a briga, aquela coisa toda, e aí a gente cumprimentou, aí ele respondeu assim: (um assovio), ele não conseguia mais fazer o berro dele. Então coisa assim, índio agressivo, os Kaiapó.

**NDI** - Houve algum choque entre o pessoal da frente de contato e eles, no tempo que você permaneceu lá, eles chegaram a atacar que tivesse havido algum revide, ou atacaram os trabalhadores da estrada, o que você presenciou de entreveros físicos?

**XARA** - Não, com o pessoal da FUNAI, não teve nenhum problema, o que teve na estrada, foi que eles atacaram o Antônio Bispo, conseguiram meter 3 flechadas nele, inclusive esse camarada voltou depois de flechado, ele era patroleiro(?), trabalhava em patrôla(?), ele voltou e cercou a patrôla(?) dele com essas folhas de flandres(?), de telhado, então ele fez uma espécie de um casulo para a flecha não atingir e voltou a trabalhar. Então teve esse caso, teve um outro caso de uma caminhão que quebrou e eles atacaram o cara, atacaram o cara, flecharam o cara, esse foi morto. Houve um outro caso que eu presenciei, eu estava na beira da estrada com eles, eles apareceram na estrada, tinha um acampamentozinho lá, eu fui lá, a pé, porque o BEC não dava carro para gente, tinha toda essa coisa lá de apoiar, nem um carro dava para gente, pedisse um carro para levar não dava, tinha que ir a pé, e esse acampamento que os índios fizeram ficava a uns 15 Km ao norte do acampamento, então (?) que ia lá, você tinha que ir lá todo dia e voltar, todo dia e voltar, na beira do Peixoto ficava 6Km, era uma loucura a pé, aí estava lá, passou um carreteiro civil, sozinho, e quando, aliás, estava o caminhão lá parado, a carreta lá parada, quando eu cheguei, e os índios estavam muito bravos, inclusive o Teceia(?) estava lá, os índios estavam muito bravos, o que que o cara fez, ele tinha pego uma borduna, sozinho, ele sozinho, ele tinha pego a borduna e tinha levado para o caminhão e os índios estavam reclamando, eu ainda gritei para ele, ainda tive tempo de gritar, "o que que está havendo aí", "não, peguei uma borduna aqui, que eu quero levar para a minha família, não sei o que", mas eu falei: "os caras não estão gostando", "não, mas eu prometi para eles que eu vou trazer um presente". Ah, olha só, caminhoneiro, você entende, caminhoneiro do BEC, empreiteiro do BEC, civil mas do BEC. Aí eu falei: "não, vamos devolver essa borduna, tal, o cara tá insatisfeito, então tá quando você trouxer o presente ele



te dá a borduna", sabe aquele negócio, aí eu peguei a borduna, o cara saiu mal satisfeito, então você imagina nesse ponto que chegou, como é que foi rápido, a coisa dos Panará estarem lá no mato, com a sua vida, e numa rapidez mostra daquela passa uma estrada, com um caminhoneiro que para, sozinho, que vai lá conversa com os índios, promete um presente e leva a borduna e os índios ficam irritadíssimos por causa disso, uma coisa meio sul-realista.

**NDI** - Algum índio chegou a ser morto em algum conflito pelo exército, por civil, chegou a ter isso?

**XARÁ** - Não, não, o que se sabe assim de agressividade que teve foi por parte da FAB, aqueles sobrevôos, que os tenentinhos da FAB andavam fazendo em cima das aldeias, tanto é que o avião foi flechado e uma flecha pegou, isso aterrorizou muito os Panará, eles ficaram assim muito tempo muito aterrorizados com o avião, tanto é, não sei se você pode ver em alguma fotografia dessa, assim que eles chegaram no Xingu, eles puseram um mastro no centro da aldeia, uma espécie de Totem, e em cima desse mastro liso, lá em cima tinha uma maquetizinha de um avião, feita por eles, assim que eles chegaram no Xingu eles puseram aquilo no centro da aldeia, puseram lá em cima aquele aviãozinho feito por eles, uma maquetizinha do avião, então esse negócio de avião com certeza foi uma coisa assim aterrorizadora assim para eles, esses sobrevôos foram terríveis, agora eu não tenho notícia de nenhum, além disso que eu te falei, assim, eu falei do Bispo, teve um outro que foi morto, teve um outro acidente também, foram 3 coisas, foram 3 coisas que teve lá, de um outro camarada que também se não me engano foi morto também, funcionário do BEC, se não me engano teve isso também, mas não estou bem certo não, parece que são 3 incidentes que teve, do Bispo que é muito conhecido, esse um com certeza, acho que tem mais um, não estou bem certo.

**NDI** - Outra coisa que eu queria te perguntar, como é que era o relacionamento deles com vocês, como é que vocês faziam para se comunicar, vocês falavam a língua, vocês tiveram tempo de aprender a língua, como é que era a comunicação?

**XARÁ** - No nosso caso nós tínhamos um companheiro que tinha muita facilidade para aprender línguas, é o Nilo Nogueira, que depois morreu lá no Waimiri-Atroari, então o Nilo, ele era o encarregado de fazer todas as anotações lingüísticas, agora, nós tínhamos os Txucarramãe, o Vaivai, o Moicara, o Bodicâri e o finado Cuncunhamiti(?), então a medida a gente gravava as falas, tudo o que era possível gravar a gente gravava e a noite, no momento de lazer essa coisa toda, num momento de não poder sair alguma coisa assim, então a gente pegava aquelas gravações e junto com os Txucarramãe a gente ia tirando, pegando o vocábulo, estrutura de língua que é a

mesma, a gente ia tirando, então a gente chegou a ter um bom vocabulário, chegou a ter, e o Nilo era o camarada responsável pelo almoxarifado, pelos anzóis, pelas coisas, a gente chamava ele de Tobotum(?), que ele era um pouco mais velho, tinha uns cabelinhos brancos, chamava ele de velho, de gente mais velha, de gente já meio chefe, pode também, meio líder, pode entender assim também, então chamava ele de Tobotum, então o Nilo era o cara que mais falava com eles, aliás, era o cara que eles mais queriam falar, porque era o cara que tinha o anzol, era o cara que tinha o terçado, era o cara que cuidava do almoxarifado, era o cara mais interessante para eles, nessa troca de coisas, nesse negócio de dá quinquilharia para índio, então a gente chegou a ter um vocabulário muito bom e anotado, muito bom, não com a pronúncia muito correta, e tal mas dava para se comunicar legal, e os Txucarramãe falavam bem com eles, os Txucarramãe falavam bem mesmo, era muito pouca coisa assim que os Txucarramãe não entendiam, se comunicavam bem mesmo.

**NDI** - Nessas conversas vocês chegaram a tentar explicar o que que vocês estavam fazendo ali, qual era o trabalho da FUNAI, o que que eles estavam entendendo daquela situação e o que eles não entendiam?

**XARA** - O problema é que quem explicava era o Txucarramãe, o Txucarramãe era inimigo, para você ter uma idéia, naquele dia que eu lhe disse que nós fomos atender lá os doentes, lá na aldeia, eu estava abaixado assim junto com o Moicara(?), aí tinha 3 velhos assim no canto conversando, 3 homens mais velhos assim conversando, aí o Moicara falou assim: "Ele está dizendo que vai matar a gente", eu falei: "mas como que é isso", "ele está dizendo quem sou eu, ele me conheceu", é claro que ele não conhecia o Moicara, e possivelmente não deve ter participado de nenhum embate desses aí, pelo fato de ser muito jovem na época, mas reconheceram, claro, o Moicara como inimigo, então o problema que era o inimigo que era o tradutor, então essas explicações ficavam muito distantes, essas explicações do que é, do que estamos fazendo, absolutamente não iam confiar em Txucarramãe nenhum, em Txucarramãe mesmo que não iam confiar, claro que não ia confiar, e essa coisa era feita pelos Txucarramãe, eram os tradutores, então é você realmente trabalhar em cima assim de um contra senso de uma possibilidade imensa, tudo o que foi feito ali foi coisa impossível, contraditória, impossível, claro, e uma das coisas foi essa.

**NDI** - Como é que era a equipe e a forma de hierarquia, vamos dizer por exemplo, no tempo que você trabalhou lá o chefe era o Apoena Meirelles, havia uma unidade de pensamento sobre o trabalho que estava sendo feito, houve divergências na equipe, você concordou, por exemplo, da forma como a equipe atuou, como é que era esse pensamento, cada um fazia

o que queria, havia uma linha rígida de trabalho, havia divergências, houve diferenças da forma como era o relacionamento entre a equipe da FUNAI e os índios, como é que se deu esse processo interno de trabalho na FUNAI naquela frente de atração?

**XARA** - Pois é, a coisa era o seguinte, nesse tempo que eu estive lá, você tinha o Apoena que era o chefe da frente de atração, O Sydney Possuelo que era o chefe do posto indígena de atração do Peixoto de Azevedo, que era o mesmo lugar, você tinha uma frente de atração e tinha o posto junto com a frente de atração, só que o chefe da frente de atração era o cara que viajava, o cara que vai a Cuiabá, o cara que vem a Brasília, o Sydney era o cara que ficava lá, chefe do posto Peixoto de Azevedo e eu fui para abrir o posto indígena de atração de Sorococó, do Rio Braço Norte, próximo da aldeia do Paquassú, então eu era também o chefe de posto, então o Sydney tinha a turma dele e eu tinha a minha turma, ele tinha os cara que trabalhavam com ele, nós éramos vinte pessoas ao todo, incluindo as mulheres, que a mulher do Sydney também estava lá, a primeira mulher dele, a Terezinha, então eram 3 mulheres e 17 homens, dos quais 3 eram chefe, então tinham mais 14, 14 homens para 3 chefes, pois bem, então acontecia o seguinte, o Apoena, filho do Chico Meireles, então na linha de integração, aquela coisa toda, integrar os índios, etc., o Sydney antes dele entrar na FUNAI, ele tinha dado várias passadas já, quando ele era estudante em São Paulo pelo Parque do Xingu, junto com o Cláudio Villas Boas, inclusive o Orlando não gostava dele, mas o Cláudio gostava muito dele, então esse negócio de estudante que vai nas férias, fica como voluntário um tempo, ajuda, ele já era um cara assim completamente dedicado antes de entrar na FUNAI, quando ele entrou na FUNAI, ele já conhecia o lado Villas Boas, aí ele foi fazer o estágio dele de técnico indigenista com o Chico Meireles, em Rondônia, o Chico era o delegado em Rondônia na época, então ele fez o estágio de técnico indigenista junto com o Chico, então o Sydney tinha as duas visões, eu só tinha a visão do Chico Meireles, mas para mim a coisa era mais fácil porque eu tinha uma vivência desde o tempo do SPI, quando eu servia cafezinho no SPI, era office boy do SPI, contínuo do SPI, Serviço de Proteção aos Índios, então eu já tinha uma vivência assim enquanto garoto de ver sertanista, ver sertanista chegar, de conversar com eles, aquela curiosidade de menino, então eu tinha essa vivência sem ter uma consciência política da correlação(?) unificada isso eu não tinha, isso eu não tinha, de conhecer a história, não, já tinha lido algumas coisas, já tinha lido, sabia o pensamento, mas o que me chamava a atenção nessa época não era propriamente o comportamento político que a escola indigenista pudesse ter, não era isso que me chamava a atenção, o que me chamava a atenção era mais a beleza das histórias, a coisa humanista, de estar próximo aos índios, de querer bem os índios, era uma coisa muito mais nesse sentido

do que um arrazoado(?) mais amadurecido, realmente não era, pois bem, então nisso aí o que que aconteceu...

Fita 3:

... você vê, o Apoena era o mais novo, em idade, depois era eu, depois o Sidney, que era bem mais velho que a gente, eu tenho 44, o Sidney deve ter 50,51.

NDI - É mais que você e que o Apoena?

XARÁ - O Apoena deve ter hoje 41, o Apoena era muito mais novo.

NDI - Inclusive do que você?

XARÁ - O Apoena é 3 anos mais novo do que eu, eu estou com 44, ele deve estar com 41.

NDI - E existia uma posição de chefia já em função de que, de uma relação familiar.

XARÁ - Familiar, exatamente, porque ele era filho do Chico Meirelles, se eu estava com 24 anos, o Apoena estava com 21, o Sidney estava com 30, então o Sidney era mais maduro, tinha mais trecho, era o cara assim mais adulto, e o Apoena, que era o chefe da frente de atração, era o mais imaturo, um cara com 21 anos, ele devia ter 21, 22, era o chefe da frente de atração. Então começou aquele negócio, o Apoena ensinava os índios a atirar, pegar a espingarda, pegar revólver e ensinar os índios a atirar, o Sidney não concordava, eu também não concordava, não tinha nada a ver, você entende como é que é, bom, aí começou aquele negócio do Sidney a ensinar os índios a chamar ele de papai, eu não concordava. Aí começou aquele negócio de eu dar uma caixa de fósforo pro índio, o Sidney não concordar, sabe quando começa essas coisas. Isso tudo explodiu, estourou mesmo, no dia que o Apoena soltou foguete lá, na aldeia dos índios lá. Aí esses pequenos costumes, eu muito parado dentro da sede, da frente de atração, porque o material para me chegar, para abrir o meu posto, o posto que eu ia chefiar, não chegava o material, então eu ficava mais ou menos sem função ali, porque o chefe do posto era o Sidney, o chefe da frente de atração era o Apoena, e o meu material para abrir o posto não chegava, as ferramentas, a gasolina, as coisas, não chegavam. Aí tinha aquele negócio, por exemplo, o Apoena e o Sidney queriam comer a comida separado, numa casa separada, então os chefes eram para comer separados, não era para comer com a peãozada, eu não ia comer com eles, eu achava que eles deviam comer com a peãozada e todo mundo tinha que



comer uma comida só, não achava que tinha que estar estratificando, lá num lugar daqueles, num grupo de 20 pessoas, você ficar estratificando, 2 cozinhas, 2 tipos de comida. Aí eu me lembro um dia, o Sidney chegou, coitado o Sidney é um bom sujeito, tem um bom coração, ele chegou com um fogãozinho, um queijo, uma lata de doce e pôs na minha casa, a minha casa era onde era a enfermaria e o rádio, eu morava nessa casa. Aí o Sidney fez uma casa só para ele, assim, uma casa enorme, você entende, para ele e a Terezinha, e fez um banheiro só para a Terezinha, para ela "cagar", com um "cagatório" para ela, e um outro de pau a pique assim, rodeado com plástico assim, que tinha um índio Boroi(?) que trabalhava lá, que ia buscar água para ela tomar banho, enchia do lado de cá, puxava a corda, então era o "cagatório", o banheiro da Terezinha e a casa dele, o Apoena morava em outra casa, e eu morava na casa do rádio e na casa da farmácia e comia junto com a peãozada, eles comiam separado, a comida deles era diferente, então era o maior atrito, ninguém se entendia. Aí, estourou tudo no dia que o Apoena foi lá na aldeia de noite, e estourou foguete no meio da aldeia sem motivo nenhum, no dia que o Apoena fez isso, aí foi uma briga, os Xavantes do lado dele, que isso resultou tudo numa discussão no posto, o Sidney tinha ficado no posto, não quis ir naquela viagem, ele já estava de saco bem cheio do Apoena também, ele me disse que ia sair, quando estourou isso o Sidney voltou para o Xingu, ele era funcionário do Parque Indígena do Xingu, voltou para lá, o Apoena foi embora, que ia rolar coisa ruim mesmo, ele era o chefe, mas foi embora mesmo, foi um negócio feio, assim com arma, um negócio muito violento. E estourou essa coisa toda, foi quando veio o Antônio Campinas como chefe.

**NDI** - Porque o Apoena estourou esses foguetes lá na aldeia, que aldeia foi essa, como era o nome da aldeia?

**XARA** - Aldeia do Paquassu, segundo ele para fazer uma demonstração de força.

**NDI** - Eram foguetes de que de sinalização?

**XARA** - Foguetes de São João.

**NDI** - Rojão?

**XARA** - Não esse menor que rojão, esse que dá 3 tiros, soltou aqueles foguetes, a gente dormindo no centro da aldeia, tínhamos sido convidados pelos índios, para ir lá fazer uma visita, fomos, arrumaram para agente no centro da aldeia, trouxeram, assim debaixo da rede, puseram água, puseram batata assada, comidinha debaixo da rede, fomos super bem recebidos, super bem recebidos, aí de noite, estávamos na

rede lá, já meio dormindo, estouraram aqueles foguetes todos, eu pensei que os índios estavam atacando, fazendo alguma coisa, soltando foguete para espalhar os índios, não foi nada disso, os índios correram todos para o mato, e mulher chorando, criança chorando, aquela loucura toda, quando eu consegui chegar no Apoena que ele estava na outra ponta da armação da rede, na outra ponta, cheguei para ele e perguntei o que que está havendo, ele estava rindo e dizendo que estava fazendo uma demonstração de força, eu não entendi muito bem aquilo de noite, de manhã fui embora, falei quem quiser ir comigo vai que eu estou indo embora, aí foram todo mundo comigo, só ficaram os Xavantes com ele. Chegamos lá no posto, falei para o Sidney o que tinha acontecido, aí o Sidney falou, pois é eu fiz muito bem em não ter ido. Eu falei foi intuição sua, foi bom você não ter ido, aconteceu, o que vamos fazer? Há não sei estou fora disso, estou indo embora para o Xingu, não sei mais o quê. Mas, os Txucarramãe de inimigo, também não se conformaram com aquilo, os cara que eram inimigo não se conformaram com aquilo, ficaram chateados, aquela coisa toda. Aí tivemos uma conversa séria com o Apoena, uma conversa séria mesmo, falamos para ele, ele pediu o avião foi embora, nunca mais voltou, ele era o chefe, nunca mais voltou.

**NDI** - E aí veio um novo chefe para a frente.

**XARÁ** - Aí o Sidney foi embora para o Xingu, de fato, aí sim desencadeou tudo, foi embora para o Xingu, aí veio um novo chefe para a frente, que foi o Antônio Campinas com outros Xavantes, Xavante também. Aí não deu para entender mais, porque o Antônio Campinas era um camarada assim bem, começou com um comportamento muito estranho, permitia que os Xavante ficassem assediando as mulheres Panará, quando apareciam, as mocinhas, aquela coisa toda, e a cabeça do cara era nenhuma mesmo, um sujeito assim horroroso, não dava nem para conversar, um peçoção doido, assim, bem doidão mesmo, uma figura bem maluca. Aí eu falei, não vou ficar mais lá, fui embora para a estrada, aí da estrada eu comuniquei que não ia ficar mais no posto, que estava na estrada, e que fizessem alguma coisa e tal, aí quando eu fui para a estrada que eu descobri que os índios já estavam saindo na estrada, mas eu não tinha rádio, tinha que usar o rádio do BEC, mandar pelo BEC lá em Cuiabá para o BEC levar a mensagem, eu não sabia que tinha índio, nós não sabíamos que os índios já tinham saído na estrada, aí por acaso aquele dia saí na estrada, aquela coisa toda, aí fui autorizado a permanecer na estrada, a 60 Km do posto, aí fiquei na estrada, eu, primeiro eu e o Nilo, depois eu, o Nilo e o Felisberto, aí ficamos ali de babá de índio na estrada, foi quando aconteceu esse rolo todo com o BEC. Mas na verdade, você pode ver que tudo isso que estamos falando, não, eu estou procurando ser o mais real possível, não estou querendo amarrar uma coisa a outra, porque na verdade não tinha

amarração uma coisa com a outra, não tinha nada amarrado, não tinha planejamento, não tinha um trabalho, não tinha nada disso.

NDI - Ia acontecendo no dia a dia e você ia se adaptando ao que rolava?

XARÁ - Ia acontecendo, o que rolou rolou, o que não rolou, entendeu como é que é. Aí eu achava que o Apoena, o Sidney e eu podíamos fazer um "puta" trabalho lá, um trabalho legal, um trabalho bom, porque pelo menos assim em relação aos sertanistas, assim o Sidney tinha estudado um pouco, eu também tinha estudado um pouco, tinha passado por uma universidade, sabe essas coisas assim, o Sidney já tinha naquele tempo entre essas idas e vindas do Xingu, essa coisa toda, ele já tinha uns 5 anos nessa jogada, o Apoena filho de um sertanista, essa coisa toda, eu já tinha passado pelo SPI, naquele convívio de garoto, de adolescente, mas tinha passado, tinha uma visão do que era a coisa, do que era índio, já tinha visto índio, já conhecia o Bananal, já conhecia o Gorotire, sabe esse tipo de coisa, já tinha trabalhado com Mundurucu, já tinha trabalhado com Waimiri-Atroari, na verdade nós não estávamos 0 Km, a gente estava 0 Km em termos de experiência de vida, assim, não é, tal, de amadurecimento, essa coisa toda, mas a nível assim de saber o que é, a gente sabia o que era, a gente sabia o que era índio, a gente já tinha uma certa leitura, a gente já tinha um trequinho andado, então eu acreditava muito que a gente discutindo a coisa pudesse ir a frente, quando eu descobri que não, descobri que tanto o Apoena quanto o Sidney estavam num caminho de projeção pessoal, de se tornarem grandes sertanistas, como Villas Boas, como Chico Meirelles, eles estavam nesse caminho, eles não estavam no caminho, como eu por exemplo, que sou assim bem resultado de 68, bem resultado de 68, eu estava na Universidade, bem, tinha uma visão mais política da coisa, vamos dizer assim, já tinha mais um engajamento social, já tinha umas preocupações, com igualitarismo, essas coisas, eu tinha essas preocupações. Então eu imaginava que a coisa pudesse compor, lá na prática eu vi que não tinha nada a ver, o discurso quando a gente se encontrava aqui na cidade era um, mas lá os caras estavam a fim de fazer uma outra, repetir o que está aqui, fazer uma sociedadezinha entre 20 pessoas, bem estratificada, bem hierarquizada, com direitos diferentes, essa coisa toda. Então a coisa se tornou impraticável, se tornou impraticável.

NDI - O que que você sabe, por exemplo, depois que você saiu, você saiu, você saiu de lá um ano depois que você chegou, foi antes da transferência, o que você sabe que aconteceu depois que você saiu, o que que você tem de informação desse período posterior, com os Panará, quais são

as informações que você tem desse período todo, até de conversas posteriores que você teve com eles e tudo mais?

**XARA** - É, o que eu sei disso aí, eu fui depois que eles se transferiram para o Xingu, eu fui lá uma vez, fiquei assim completamente penalizado com o que eu vi, não quis mais ir lá.

**NDI** - Qual foi a situação que você viu lá no Xingu?

**XARA** - Aquilo que eu te falei, completamente submissos aos Txucarramãe, assim completamente desesperançosos em relação a vida, desencantados e com uma redução populacional muito grande, essa época aí que eu vi lá, eles eram, se não me engano, repetindo o dado, tem que ver isso, acho que eram 81, e eu fiquei muito triste com aquilo lá e tentei muito conversar com o Megaron, mas o Megaron tinha uma visão assim de dominação mesmo em cima dos Panará, aí eu passei a acompanhar através, durante esse tempo aí, passei a acompanhar através de funcionários, amigos meus, que trabalhavam no Xingu, como a Nair Tanaka (?), por exemplo, que foi médica do Xingu durante muito tempo, como o Heleno, o Cesinha, em cada tempo teve um que me trazia notícias, a Eliza, cada tempo teve alguém que me trazia notícias, aí quando eles começaram a aparecer por Brasília e eu já, já pelo menos desde 84 que eu estou de volta em Brasília, com casa aqui, então pelo menos de 84 para cá, eu comecei até a me encontrar com eles aqui em Brasília, eles vinham fazer visita, essa coisa toda, então o que eu sei sobre a ida deles lá é através de fontes indiretas, informações, que eu só estive lá uma vez, depois que eles foram, eu não gostei de jeito nenhum.

**NDI** - Eles estavam com roça, tinham comida, não tinham ...

**XARA** - Não, eles ficaram num lugar que não dava nada, não dava banana, não dava nada. Primeiro ficaram com os Txucarramãe, quando saíram foram para um lugar ficaram junto com os Suiá (?), completamente atrapalhada a coisa, e com a Kayabi. Depois fizeram a aldeia para eles, e não dava nada, eu vi lá, até sobrevoei junto com o Heleno, fizeram a aldeia num lugar, fizeram a roça muito longe, absurdo de longe, negócio assim tipo 15 quilômetros, a roça, 20 quilômetros, sabe aquele negócio penoso, longe demais, enfim, ficaram numa situação horrorosa, então depois essa transferência para o Rio Arraias (?), e tal, acompanhei via o Heleno e tal, mas sempre acompanhando de fora, desisti de falar com o Megaron sobre essas coisas, mínima, não tem a mínima sensibilidade sobre a questão dos Panará, vê assim como um subpovo mesmo, não se preocupa, não gosta de Panará, essa que é a verdade, não gosta, o próprio Raoni também não gosta, não gosta, então esse negócio dessa administração



estar na mão dos kaiapó, via Megaron, e tal, essa confusão que está o Parque do Xingu, enfim eu acompanho falando com eles aí, falando com eles aí ocasionalmente, acompanho assim de longe, vem o Steve de vez em quando me fala umas coisas, quando eles aparecem, não estive mais presente nisso aí, mas sempre que me falam em recuperar esse povo, tornar um povo de novo, eu estou sempre disposto, estou sempre querendo participar, é que nenhuma iniciativa até agora deu certo, e essa coisa, queira ou não queira, tem que passar via FUNAI, né, estão dentro de um Parque Indígena que é gerenciado pela FUNAI, e a FUNAI não tem tido disposição para resolver isso.

**NDI** - Você voltou no território antigo, lá do Peixoto de Azevedo, depois que você saiu?

**XARÁ** - Não, nunca mais eu estive lá no território do Peixoto, nunca mais voltei ao Peixoto, nunca mais.

**NDI** - Nem sobrevoou, nada, nada,...

**XARÁ** - Não. Nunca mais nem sobrevoei, nada, nunca mais fui lá, nunca mais, nada, nada lá. Sei que me contam aí, tal, também, falam aí como é que está, aparecem matérias na televisão, essa coisa toda, mas, andei falando com o pessoal da FIOCRUZ que tem um trabalho lá, um pessoal meu amigo, aí estive conversando com eles, sobre o trabalho deles lá, sobre malária de branco (?), então parece que até terminaram esse trabalho, depois falei com o pessoal da Universidade de Cuiabá, que tem trabalho lá também, então nunca mais estive lá, e tenho uma noção assim pelo que me dizem, pelo que tem me dito por aí, como é que se encontra atualmente a região, mas nunca mais fui lá não.

**NDI** - Com as pessoas que participaram da frente você tem conversado, com o Sidney, com o Fiorelo, você voltou a se encontrar depois que tudo aconteceu, vocês chegaram a discutir o que foi aquela situação, aquela atuação, teve alguma oportunidade de voltar a analisar com essas pessoas o que aconteceu, ou você nunca mais manteve contatos, onde vocês, por exemplo, conversassem sobre o trabalho lá de atuação no Peixoto?

**XARÁ** - Quer dizer, alguma conversa acontece, mas assim uma conversa verdadeira, uma conversa preocupada, uma conversa real, sobre os fatos reais, só tenho, e sempre que a gente se encontra a gente conversa muito sobre isso, com o Izonuel, o Izonuel dos Santos Sodré(?).

**NDI** - Esse está aonde?

**XARÁ** - Esse está em Cuiabá, ele é funcionário da FUNAI em Cuiabá, hoje ele está lá no Sararé, naquela bronca lá de garimpo, ele está ajudando a tirar os garimpeiros. Então o Iazonoel, ele é um camarada que me parece, desses aí, que trabalharam por lá, um camarada que permanece com a visão real, do que aconteceu, com os outros alguma conversinha assim, mas eles fantasiam logo, fantasiam logo, entende, logo vem a fantasia, aí pronto para a conversa, eu vou conversar o que com um camarada que transferiu os índios de lá, não tem conversa, sobre esse assunto.

**NDI** - Quem transferiu, quem foi que fez a transferência, na parte final quem é que retirou os índios...

**XARÁ** - A parte operacional, a parte operacional, a parte política quem fez foi o Orlando Villas Boas, ele que fez a parte política, e a parte operacional quem fez foi o Sidney Possuelo, ele que entrou dentro do avião e foi buscar os índios, pôs os índios dentro do avião, com o apoio político, apoio da imprensa, essa coisa toda, do Orlando, do Orlando Villas Boas, essa é que é a verdade. Então o Iazonoel, porque a idéia era a seguinte: quando o pessoal viu que o Campinas realmente, quando a FUNAI viu que o Campinas não ia dar certo, estava na cara que não ia dar certo, pelo rolo que ele arrumou lá dentro, pelas confusões.

**NDI** - Que confusões?

**XARÁ** - Confusões de assédio sexual às mulheres Panará, inclusive ele participou disso, os índios Xavante, participaram ativamente disso aí. Então quando deu aquele rolo todo, que a FUNAI achava que tinha que tirar os Xavantes de lá, tinha que tirar o Antônio Campinas de lá, eu estava respondendo inquéritos, então havia a possibilidade de eu me sair bem dos inquéritos e voltar para lá com o Iazonoel, o Iazonoel já estava destacado para ir para lá, só que o Iazonoel foi e eu não fui, aí já foi o Odenir e o Fiorelo, e quem foi como chefe foi o Fiorelo, Fiorelo Parize; então, eu gosto de conversar com o Iazonoel porque essa 2ª parte, que eu não conheço, ele conhece bem, a 3ª parte, né, mas tanto a 1ª e a 2ª parte o Iazonoel acompanhou muito bem, porque na época ele estava próximo de Cuiabá, ele estava em posto próximo de Cuiabá, então ele vinha acompanhando muito aquilo, ele sabia o que estava acontecendo, e quando eu ia a Cuiabá, por exemplo, eu sempre procurava dar um jeito de me encontrar com ele, e tal, para a gente discutir, você sabe, aquela coisa rendida para ver se ele ia para lá, se não ia, aquela coisa toda. Então, ele tem uma visão da última etapa, que eu não conheço, muito boa, e muito verdadeira, eu acredito muito nas coisas que ele fala, como não acredito em outras coisas que outros camaradas falam aí, que ficam falando fantasiando, e que me

parece mais tirar o "cú" da reta, do que qualquer outra coisa, isso que me parece, tirar o "cú" da reta do que qualquer outra coisa, acho muito estranho, você entende como é que é, eu sei de posições que eu tomei, eu sei, sei que são públicas, sei o que saiu na imprensa, o que foi falado, o que eu falei, o que eu fiz, qual a posição que eu tomei e tenho testemunha, também, de época. Pois bem, então, eu acho que só tem um caminho mesmo para redimir essa grande tragédia, ela tem que ser via FUNAI, eu acho que dentro da FUNAI tem pessoas que conhecem bem essa história, que poderiam perfeitamente consertar ela, eu não sei se dá para consertar integralmente, mas alguma coisa há de se fazer, eu acho que é um bom momento inclusive para a FUNAI fazer alguma coisa, tirar esse peso aí da história do País, a tragédia com os Panará.

**NDI** - Eu queria te pedir para você lembrar uma coisa que você falou, você disse que quando você estava lá no Peixoto, você chegou uma vez a ir ao Xingu para conversar com os irmãos Boas, que estavam lá, para tentar ver com eles a possibilidade de não transferir os Panará para o Xingu. Como é que foi essa viagem sua e qual foi o momento que você ouviu essa palavra transferência.

**XARA** - Não, isso aí, eu não estava mais na área, eu estava cuidando de cidade, respondendo processo, essas coisas todas. Foi o seguinte: o Ministro Rangel Reis, que era o Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, foi ao Xingu, eu soube da viagem dele ao Xingu, bom, ao posto Leonardo (?), ele ia lá para a comemoração de um Quarup (?) em homenagem a ele, promovido lá pelo Orlando Villas Boas. O Sidney era o chefe do P.I. Leonardo, onde é a sede do Parque e o Cláudio Villas Boas era o chefe do P.I. Diaurum, dentro do Parque do Xingu. Bom, então, quando eu soube que o ministro foi, que iria lá, eu também fui, porque eu queria conversar com o Orlando Villas Boas e com o Ministro, sobre esse assunto, então, cheguei lá, tá, chegou o ministro, tudo bem, aí eu fui falar com o Orlando sobre isso, sobre esse negócio de não transferir, que já era pública a transferência, já tinha nos jornais a transferência.

**NDI** - Isso foi em que ano?

**XARA** - Eles foram transferidos, acho que no dia 12 de outubro de 70 e, 12 de outubro de 74, não foi, que eles foram transferidos, não é. Isso foi um pouquinho antes da transferência, um pouquinho antes e o Quarup que teve, é só ver esse Quarup que fizeram em 74, a data que foi, não lembro, a transferência foi 12 de outubro, um pouco antes, aí o Ministro foi ao Xingu, e lá eu fui falar com o Orlando sobre isso, para a gente conversar com o Ministro, sobre não transferir, peguei foi um "esporro" do Orlando, me tratou

super mal quando eu falei nesse assunto, me tratou assim, não queria nem saber dessa conversa, eu falei: se ele não quer, o que que eu vou falar com o Ministro, vou falar com o Sidney, trabalhou lá. Sidney falei lá com o Orlando sobre aquele assunto, já tinha falado com o Sidney, né, vou tentar isso aí, vou tentar. Fui falar com o Sidney : pois é não sei que lá, e tal, tirou da reta, tirou da reta. Eu falei: como é que eu vou falar isso com o Ministro, vou fazer papel de ridículo, entende como é que é, não vai dar em nada. Aí fiquei, o que eu faço, voltar para trás, sem nada resolvido, aí resolvi baixar para o Diaurum, para falar com o Cláudio, com o Cláudio Villas Boas, fui para o Diaurum falar com ele. Aí o Cláudio, não só me respeitou muito como pessoa, como indigenista novo, como conversou comigo horas, sobre esse assunto, conversou horas sobre esse assunto, e o Cláudio, eu via que ele não estava tão decidido a coisa acontecer, aí o Cláudio pegou o rádio, e falou com o Orlando pelo rádio, mas só que não me disse que ia falar no rádio, eu não estava na hora que ele falou no rádio.

**NDI** - Ele te comunicou depois?

**XARA** - Depois, eu estava até tomando banho de praia, ele falou que falou com o Orlando e que o Orlando estava irredutível, mas o Cláudio não tem um grande poder de convencimento sobre o Orlando, ele assim é bem submisso ao Orlando, é até hoje, é aquele tipo de irmão mais novo mesmo, mesmo a personalidade dele, ele não é uma pessoa que ocupe espaço, é o jeito da personalidade dele, até tenho muita admiração pelo Cláudio, a que eu não tenho pelo Orlando, eu tenho pelo Cláudio. Então, ele falou, o Orlando está irredutível, não tem jeito, nós vamos é tratar de fazer o negócio direito, porque lá não dá mesmo para esses índios ficarem, sabe, assumiu assim muito tenuemente o discurso do Orlando, mas não estava muito convencido disso não, me deu uns conselhos, que não era para eu ficar fazendo aquele escândalo todo na imprensa, eu fiquei fazendo escândalo, sabe como é que é, não era para fazer aquele escândalo todo, não sei que mais, aí caiu, caiu, não vai ter jeito, aí o que que eu vou fazer, não deu jeito, foram transferidos, nessa viagem lá Daiurum estava a Eliane Lucena e a Memélia Moreira, peguei carona no avião delas.

**NDI** - Elas estavam para assistir a festa do Quarup Ararum, lá?

**XARA** - Elas foram para cobrir o Ministro, aí coloquei para elas a situação, elas estavam de avião, elas tinham avião, coloquei a situação, falei que eu queria conversar com o Cláudio, elas falaram: então nós vamos passar por lá para você conversar, não dormimos não, foi só um dia, aí passamos, me deram uma carona no avião delas, passamos lá no



de Diaurum, conversei com ele e de lá o avião retornou a Brasília, então eu tenho testemunhas disso, isso é o que estou falando, não é esse tipo de coisa, e também, com certeza elas vão te falar sobre o posicionamento do Cláudio, que ele foi assim muito, ele balançou, ele balançou, tanto é que ele ainda tentou, ele ainda fez uma tentativa, ele não estava tão convencido assim que os índios iam ser transferidos, só que o Orlando não topou também, e pronto, acabou os recursos, que pelo menos eu tinha, acabou aí, os recursos acabaram aí, foram transferidos.

**NDI** - Bem, Xará, agora eu te deixo aí a vontade para você contar algum fato aí que você recorde, que eu não tenha por acaso perguntado, assim, como se diz popularmente "chutar o pau da barraca", alguma coisa que te venha a cabeça que você queira mencionar, do estoque de perguntas que poderia ter eu mais ou menos cobri todas.

**XARÁ** - Não, eu já não estou querendo me lembrar de mais nada, aliás, essa história toda, essas inesquecíveis histórias eu gostaria muito é de esquecer.

**NDI** - Obrigado.